Cosmologia Maku

PETER SILVERWOOD-COPE

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é estabelecer um registro dos depoimentos dos próprios Maku sobre a Criação do Cosmos e a ordem dos relacionamentos entre os seus seres.

Algum tipo de análise será inevitavelmente inerente a qualquer apresentação de material deste tipo. Nesta obra, a análise — que é apenas experimental e incompleta — deve uma parte de sua inspiração ao exemplo de Lévi-Strauss na "Gesta de Asdiwal", onde ele afirma o primeiro dos seus objetivos:

> ... isolar e comparar os vários níveis em que se desenvolve o mito: geográfico, econômico, sociológico e cosmológico — cada um destes níveis junto com o simbolismo que lhe é próprio, visto como uma transformação de uma estrutura local subjacente, comum a todos eles.

Não tenho a intenção de tentar testar — provando ou negando — a validade do método de L. S. e sua premissa. Inspirei-me em um dos seus objetivos e guiei-me por alguns dos seus métodos para apresentar, tão clara e sistematicamente quanto possível, as doutrinas orais dos Maku e, à parte, sob a forma de conclusão, a minha compreensão da lógica que elas contêm.

Devo também enfatizar que minhas pretensões diferem das de L. S. no sentido de que enquanto ele se propõe a examinar o mito, isolando seus diferentes níveis e seguindo a lógica comum subjacente expressa de modo vário a cada nível, nesta obra eu usarei o mito para descobrir e justapor as premissas cosmológicas nele contidas. Assim, meu objeto em última instância não é o mito em si, mas a Cosmologia que ele esclarece. O mito introduz os personagens,

estabelece os cenários e delineia o rumo que tomam os relacionamentos entre os personagens. Como conclui o próprio L. S.,

> o mito está certamente relacionado com fatos (empíricos) dados, mas não como uma *representação* deles. O relacionamento é de tipo dialético e as instituições descritas podem ser o oposto das instituições reais".

Quero mostrar que a Cosmologia Maku é uma instituição muito real, de importância constante e imediata para cada Maku. Pois, por "cosmologia", entendo uma larga definição que, em termos de nossa própria cultura está expressa como *um sistema cultural de conceber os fenômenos do Espaço, Tempo, Energia e Vida.*

Após descrever os meios e condições práticas através dos quais o material foi elicitado, continuo registrando uma tradução da doutrina oral Maku sobre a Criação e Idn Kamni.

Idn Kamni é um Criador caprichoso, cujos poderes extraordinários estão lado a lado com suas notáveis dificuldades e aparentes fracassos. Em muitos aspectos, Idn Kamni se parece muito com Kuwai dos Cubeo (Goldman 1963) e também — muito dentro da Bacia Amazônica — com Maira dos Urubu (Huxley 1956) e Mawari dos Wai-Wai (Fock 1963). Apesar de haver semelhanças excepcionalmente próximas nos acontecimentos pelos quais passam todas estas figuras, está além do escopo desta obra apresentar uma discussão e uma comparação adequadas.

O processo da Criação e a estória de Idn Kamni revelam certas premissas cosmológicas; a exploração destas premissas é levada a efeito nas páginas subseqüentes.

Os episódios se passam dentro de uma moldura formada pelos eixos de tempo e espaço. O Cosmos é concebido como tendo níveis tanto acima como abaixo do mundo dos humanos. O Cosmos também se estende além do presente temporal. Estes diferentes níveis do Cosmos são habitados por seres diferentes, cada espécie com sua maneira particular de viver. Os ciclos de desenvolvimento de todos estes Seres, estão ligados a correntes de energia formando um só sistema.

L. S. explora assim o relacionamento do mito com a realidade:

"Estas especulações, em última análise, não procuram descrever o que é real, mas justificar as falhas da realidade, desde que as posições extremas são apenas *imaginadas* de modo a demonstrar que são *insustentáveis*".

"Esta concepção da relação entre mito e realidade sem dúvida limita o uso do primeiro como fonte documental. Mas abre o caminho para outras possibilidades; pois ao abandonar a procura de um quadro constantemente acurado de uma realidade etnográfica no mito, ganhamos por vezes meios de alcançar categorias inconscientes".

A estória de Idn Kamni pode ser vista como uma sequência de explorações de situações extremas ou impossíveis. Os acontecimentos mostram que uma situação particular é insustentável e sua solução estabelece a ordem que se mantém até hoje.

Por exemplo, nos primeiros dias da Criação, o sol não se punha, mas circulava no céu. Assim, era demasiado quente e demasiado seco; os Primeiros Homens não podiam parar de comer, uma vez que o dia não tinha fim e passou, consequentemente, a faltar alimentos. Idn Kamni vai para o Leste para pegar uma caixa de grilos. Por causa da prematura curiosidade do seu irmão, os grilos são postos em liberdade e se segue uma noite sem fim, como resultado da qual as pessoas têm demasiado sono e não são capazes de produzir comida. A solução é regular o dia e a noite, comendo e bebendo, através da dança.

Através de uma oscilação similarmente extrema da Grande Seca para a Grande Inundação (que resultaram da solução drástica de Idn Kamni), o ritmo anual das estações seca e chuvosa se estabeleceu.

Outro exemplo da exploração das posições extremas ou insustentáveis se dá durante a estória das tentativas de Idn Kamni de encontrar uma esposa e procriar seu clã. O conjunto das dificuldades de Idn Kamni começa com o extremo inicial da ação predatória das Onças que devoraram o clã de Idn Kamni.

Em "Organização Social Maku" notamos que os Maku têm a categoria *mik remp na* — comer a si mesmo — que se aproxima do nosso conceito de incesto. Qualquer pessoa que se case com um sibling, um primo paralelo ou um membro do seu mesmo clã, seria considerado como tendo "comido a si mesmo". Em brincadeiras, as substituições mútuas entre os verbos "matar", "comer" e "copular" muito frequentemente formam a base de obsceno duplo sentido. Também as piadas Maku classificam as várias formas de "comer a si mesmo" como "casamento de cachorro", "casamento de porco" e "casamento de tapir" — todas categorias de casamento que são enfaticamente consideradas não-humanas.

As tentativas de Idn Kamni de casar-se e procriar são todas confusões e violações dos ideais do comportamento cotidiano de

copular, matar e comer. Idn Kamni sucessivamente tenta uma esposa Onça, uma esposa árvore frutífera, uma esposa animal de caça e durante tudo isto é sua velha avó que lhe serve de esposa.

Cada tentativa de casamento deixa de levar à procriação humana mas define a base sobre a qual homens e mulheres realmente vivem com relação um ao outro e com relação aos outros seres do Cosmos. Monstros, sob a forma de Onças, serpentes, aranhas e sapos, são o produto das várias formas de união incestuosa, seja ela cópula ou canibalismo. É apenas o episódio final, uma tentativa de casamento com uma esposa humana, que produz benefício sob a forma de frutos comestíveis. Os Pequenos Pássaros (hebe'wa) são amigos e ajudantes, assim como os Tesourinhas, os Urubus e as serpentes aparecem como raptores ou guardiães da Caça e das Frutas e dos seus respectivos domínios de 'acima' e de 'abaixo'.

É desta maneira que a doutrina oral da Criação e de Idn Kamni pode ser relacionada com as categorias lógicas e as premissas da vida Maku.

O desenvolvimento da estória de Idn Kamni foi colocado neste contexto lógico mais amplo nas seções subseqüentes ao texto da doutrina oral, onde a estrutura do Cosmos, as categorias principais dos seus seres e as relações fundamentais entre eles são explicadas.

Em particular, a vida e a morte dos diferentes seres deste cosmos, dependem de um relacionamento dinâmico entre as energias complementares e contrastivas. Na língua *Bara Maku,* estas duas energias têm os nomes de *tsa'litna* e *kama'litna,* derivados das raízes tsa' e kama' que podem ser traduzidas em Português como Calor e Frio. Das quatro categorias principais de seres no nível do Cosmos habitado pelos Humanos, as Plantas são essencialmente 'frias', os Monstros predatórios são essencialmente 'quentes', os Humanos e os Animais de Caça devem manter um equilíbrio constantemente regulado entre estes extremos na sua dieta e no seu comportamento.

Finalmente, na Conclusão, conduzirei uma avaliação preliminar e experimental do grau em que foi possível acompanhar L. S. na proposição de que os vários níveis no qual o mito se desenrola "podem ser vistos como a transformação de uma lógica subjacente comum a todos eles".

Seria bom tornar claro agora os vários modos pelos quais descobri e registrei os diferentes aspectos da Cosmologia apresentados neste capítulo.

Todas as narrativas sobre a Criação e a Estória de Idn Kamni vieram de dois irmãos, Huw e Tsui, em *Bara'tore,* sobre os tributá-

rios orientais do *Macu*-parana. Muito antes de poder compreender mesmo uma alusão de qualquer discurso que não me fosse particularmente dirigido, eu estava sempre presente onde estes dois irmãos pudessem dirigir-se e responder um ao outro através de uma narrativa cuidadosamente seguida pela ajuda de rapazes e moças, homens e mulheres, de todas as idades. Anotando palavras chave, sons expressivos e também gestos, e em algumas ocasiões fazendo gravações, eu pude mais tarde verificá-los e compreender que se tratava de relatos de vários episódios na Criação e da estória de Idn Kamni. A hora era sempre à noite, e frequentemente à véspera de uma bebedeira. Todas as mulheres e homens jovens se sentavam em círculo para mascar o pão de mandioca para iniciar a fermentação de cerveja, e Tsui ou Huw começavam mais ou menos assim: "Muito tempo atrás, Idn Kamni uma vez fez cerveja na casa dos Urubus. Tudo começou quando..." Então o episódio seria simultaneamente narrado e desempenhado — a ação demonstrada com gestos, sons e algumas vezes com ajuda das mãos. As crianças riem e gritam, correndo em volta. Os jovens cochicham e riem um para o outro, mas ouvem com atenção; os homens maduros e as mulheres sempre parecem absortos em alguma tarefa ou sonho, mas de repente fazem uma piada ou uma observação sobre algum aspecto da estória, ou sugerem algum detalhe ou desvio de frase que tenha sido omitido da narrativa. Claramente todos já ouviram as estórias antes e não deixam de achá-las significativas e divertidas. Estas estórias também eram contadas nas fastidiosas reuniões de ressaca que seguem a manhã após a festa.

A maior parte dos episódios apresentados no texto são traduzidos de recitais públicos gravados e são representados em pelo menos duas versões em duas diferentes ocasiões. Alguns são tirados de notas literais tomadas em Maku, outras de uma sinopse em Inglês.

Sem dúvida, a melhor maneira de receber um mito é sob a forma de diálogo, repetindo cada frase chave ou a última frase de cada sentença. Este é um costume estabelecido no sentido de que, no início, quando eu não estava consciente do discurso e ouvia em silêncio, meu informante entremeava a estória com repetições do que tinha acabado de dizer ou ainda com as palavras *pant at tia* — 'é assim a coisa'. Demorei a entender que ele estava me sugerindo a participação costumeira de um ouvinte. Quando entendi que contar uma estória era também um diálogo cerimonial, que eu mesmo emitia as repetições e as afirmações, descobri que meu aprendizado e compreensão da língua melhoraram. Além disso, cheguei quase

a aprender as estórias de cor. Isso também significava que eu entendia o desenrolar de cada episódio passo a passo.

Estes episódios da estória de Idn Kamni eram contados como estórias independentes e separadas. Logo me dei conta de que nenhuma cronologia absoluta e inclusiva se aplicava a todas as estórias. Não me adiantava dizer de uma estória 'Mas aqueles frutos não foram criados até o próximo pedaço quando ele...', porque não era sempre recebido como uma proposição válida que um episódio precedesse o outro. Sigo o consenso geral de que após a criação Idn Kamni se vingou das Onças e depois decidiu encontrar uma esposa.

Logo que pude entender algo destas estórias, dei-me conta de que elas continham premissas de um cosmos muito diferente do meu próprio. Isso me levou a fazer perguntas sobre o que existia acima das nuvens e abaixo da terra. As respostas levavam frequentemente a uma lista dos níveis ou camadas e a descrições dos seus habitantes.

Nem sempre eu sabia perguntar como queria. Os homens mais jovens me davam respostas truncadas ou abreviadas ou ainda, mandavam perguntar a Tsui ou Huw. Eu descobri que Huw e Tsui estavam sempre ocupados e raramente sozinhos. Cada um era um indivíduo mais velho ou nodal, em volta de quem um grupo local de filhos, esposas dos filhos e netos viviam. Quando Tsui e Huw não estavam ocupados pescando e caçando, ajudando suas mulheres, dirigindo a preparação da caxiri etc., estavam engajados conduzindo negócios sociais e rituais, conversando, orando, trocando novidades ou descansando. Os mais jovens tinham menos obrigações e passavam mais tempo vadiando, mas não se sentiam ainda seguros de transmitir os ensinamentos dos mais velhos.

Deste modo, eu me habituei a manter conversas esporádicas durante vários meses com Huw e Tsui. Aprendi a perceber as situações e os momentos em que eu podia atrair um dos irmãos para assuntos que me fascinavam, algumas vezes eu começava com um resumo da conversa anterior, a partir das minhas notas. Também, particularmente nos assuntos expostos em 'Vida e Morte entre as Plantas, Monstros de Caça e Pessoas', fui levado a fazer importantes perguntas por observação discreta e íntima do comportamento dos membros da comunidade.

Eu perguntava:

'Por que as pessoas não comem Onças".

"Por que faz dois dias que X não toma banho?"

"Qual é a doença de X — como começou e pode ser curada?" e as respostas sempre sugeriam mais perguntas.

Estas conversas eram casuais, mais ou menos públicas e nunca secretas; elas forneceram a maior parte do material deste trabalho.

Contudo, nos últimos meses eu também recebi instrução formal e privada sobre a arte de fazer e aplicar orações, de Huw e de outros. As orações estavam ligadas à prática de doutrinas específicas acerca de como ataques de espíritos fatais e doenças poderiam ambos ser causados e curados em seres humanos como nós. Durante muito tempo, Huw e os outros negaram qualquer conhecimento de fazer feitiços, malevolentes ou benéficos. Quando Huw eventualmente decidiu me ensinar a doutrina dos feitiços, ele tornou claro para mim que quem soubesse como efetuar a cura de qualquer doença ou ataque xamânico, deveria também saber como causá-lo. Huw me transmitiu o grande poder e consequentemente o grande valor do seu conhecimento; mas também me preveniu contra 'brincar' com ele ou 'dá-lo' a outras pessoas.

Conseqüentemente, enquanto a doutrina dos feitiços me foi transmitida e está implicita na minha compreensão do cosmos Maku, nenhum feitiço operativo específico está apresentado no texto. Somente um feitiço — o refrão geral de 'esfriamento' que é parte integrante de todos os feitiços de cura — está apresentado; ele é conhecido de todos os adultos.

CRIAÇÃO (M1) [1]

A terra queimou. As chamas vinham da direção da jusante, da boca do Rio do Veado. [2] A velha criação foi toda queimada. O povo

---

[1] Três aspectos da criação são relatados em M1, M2 e M3. Eles não entram em conflito mas se complementam como fases separadas da Criação. De muitas maneiras as fases são paralelas ao desenvolvimento do indivíduo humano desde a concepção até a realização da identidade social como criança. A re-criação do homem por Idn Kamni, que induz a terra a tornar-se corpos humanos pela aplicação da sua saliva, guarda uma relação com a concepção humana, do mesmo modo que a subseqüente viagem à humanidade dentro da Canoa da Serpente — (M2) assemelha-se à gestação humana. A chegada e o surgimento da humanidade são seguidos pela alocação de territórios e identidades tribais. Finalmente, no (M3), a diferenciação e a separação dos Maku dos índios do Rio Desano, na língua e na ocupação, podem estar relacionadas com o aprendizado da língua e a socialização da criação humana.

[2] 'boca do Rio do Veado'. Uma tradução literal seria 'irmãos' do Rio do Veado — confluência de riachos ou rios é expressa como 'fraternidade'. O Rio do Veado é o Uaupés e eventualmente o Amazonas. Todos os rios desta terra correm para o Rio do Veado.

da criação que tinha subido para a cabeça do Rio do Veado foi todo queimado.

Idn Kamni, vendo isso, deu vida a uma outra criação. Ele pegou um pouco de terra e colocou sua saliva sobre ela. Daí veio a sua criação. Nós existimos.

Assim quando nós morremos — quando tivermos doença — nós devolvemos outra vez estes corpos. Idn Kamni nos fez corpos com esta terra. Nós devolvemos esta terra emprestada, nós pagamos o que devemos.[3]

CRIAÇÃO (M2a)

Idn Kamni fez o Primeiro Povo com sua saliva e terra. Ele cuspiu nas pedras de *kak-tsa pa,*[4] cachoeira do Rio do Leite.[5]

De lá, o povo veio riacho acima, na Serpente Canoa, subindo o Rio do Veado.[6]

A Canoa da Serpente (Serpente-Canoa), subiu o Rio do Veado, subiu o Rio Água Preta e entrou no Rio Esquilo.

Chegaram às Cachoeiras Sardinha, acima daí à Lagoa Anaconda, acima daí às cachoeiras Pão de Mandioca, acima daí às Cachoeiras do Bicho Preguiça.[7]

O Primeiro Povo subiu na Canoa da Serpente, veio para todos os lugares no Rio Esquilo, depois subiu para as Cachoeiras Pimenta.

O Primeiro Povo saiu da Canoa da Serpente e cada tribo tinha o seu lugar na Terra e cada clã também.

Quando os Maku saíram da Canoa da Serpente, Idn Kamni deu a eles sangue do Umbigo do Sol para lamber, um pouco para cada Maku. É por isso que hoje os Maku têm línguas que ferem — um índio do Rio tem medo de uma maldição Maku, vai embora, fica triste e morre.

---

3 'pagamos o que devemos'. *'hibm huh na'* onde *hibm* tem todos os significados de 'preço', 'valor', 'dívida' e 'contagem'. A vingança por *waw-hibm* onde *waw* é uma forma contraída que significa a cabeça. O corpo é devolvido à Terra, e a alma — saliva, é devolvida a Idn Kamni.

4 *kak-tsa pa: kak,* significa povo, *tsa* significa flor ou caça e *pa* significa flutuar. *kak-tsa* pa é usado para referir-se à Criação e à origem da humanidade, também à Canoa da Serpente, na qual o Primeiro Povo chegou.

5 O Rio Leite e as cachoeiras *kaka-tsa pa* estão a Nordeste de onde os *Bara* Maku vivem hoje — em algum lugar na região do Isana ou Aiari.

6 Uma narrativa completa da viagem da Serpente-Canoa leva muitas horas. Cada cachoeira ou outro traço geográfico do Vaupes de Manaus ao rio Macu-paraná é mencionado.

7 Nesta versão abreviada, o Rio Veado é o Vaupés, o Rio Água Preta o Papuri e o Rio Esquilo o Macu-paraná. Os nomes das correideiras se referem ao Desano, sítios tradicionais de casas sobre o rio Macu-paraná.

No princípio o sol não descia. Quando o sol alcançava o outro lado do céu, ele viajava de volta de novo. Não existia noite.

Idn Kamni disse ao seu irmão: — "O que podemos fazer, nós temos sempre pouca comida. Vamos à casa dos grilos".

Idn Kamni e seu irmão disseram a cada mulher para preparar dois cochos de cerveja para a sua volta e então eles foram longe para o Leste, riacho abaixo, até que chegaram à casa dos grilos. Era uma casa grande e escura dentro. Eles iluminaram seu caminho com ripas de madeira [8] e chegaram ao Chefe dos Grilos. Ele estava dormindo e toda a sua família também. Os irmãos o acordaram e explicaram: — "Nós viemos à procura da noite. Nós não temos noite — nossa comida não dura e nós temos sempre fome".

O Chefe dos Grilos lhes deu uma caixinha e lhes disse para não abrí-la até que chegassem de volta.

A caixa era muito pesada, eles logo se cansaram de carregá-la. Eles a amarraram num pau e a levaram entre eles, mas logo pararam para descansar.

O mais velho dos irmãos abriu a caixa só uma fresta para ver o que havia dentro. Pah! ti ti ti ti ti ti e os grilos voaram para fora. [9]

Ficou escuro e logo a noite veio. Eles acenderam um fogo mas a noite continuou até que eles não encontravam mais madeira para queimar. Eles se sentaram um pouco no escuro até que o irmão mais moço disse: — "Cuidado para não adormecer. Eu vou subir naquela palmeira e vigiar a madrugada".

O irmão mais moço sentou-se no alto da árvore e esperou — a noite continuou. Por fim, ele viu uma claridade a Leste. Ele chamou seu irmão mais velho, mas não houve resposta. Quando o dia chegou, ele desceu e chamou de novo, mas ainda não houve resposta. Onde seu irmão estivera sentado não tinha nada, só um enorme cupim.

Ele bateu e chamou de novo. Veio um grunhido de dentro e o seu irmão acordou, abrindo seu caminho para fora do formigueiro e sacudindo as mordidas.

---

[8] Tiras de madeira cortadas de certas árvores verdes e vivas, têm uma resina que as faz queimar brilhantemente. Elas são usadas para iluminação pelas pessoas que trabalham ou caçam à noite.

[9] Os grilos que cantam antes do pôr do Sol são *tseyep ew-wa*, "os que escurecem com seu canto".

Eles chegaram em casa. A cerveja estava pronta e a festa começou. Idn Kamni botou a caixa num canto da casa e a abriu. Voaram todos os grilos para fora e a noite veio. A festa continuou, e de vez em quando Idn Kamni mexia um pouco a caixa pela casa e chocalhava sua lança.[10] Quando a caixa chegou no fim da casa, o dia nasceu de novo.

Desde então o dia e a noite partilham este mundo.

Idn Kamni Derruba a Árvore Ye (M2c)

A avó de Idn Kamni mandou-o derrubar a enorme árvore *Ye.*[11] Idn Kamni pintou seu rosto e começou a cortar a árvore *Ye*. Por dois anos ele cortou a árvore antes que ela começasse a tremer.

Tah', o tronco estalou. Giliii! ela inclinou-se para a frente e caiu com estrépito.

Então veio uma enchente — como a água subia, todas as pessoas entraram na canoa de Idn Kamni. A água subiu até cobrir os topos das árvores e continuou subindo até que as pessoas tiveram suas cabeças apertadas contra o topo do céu. Então a água começou a se acalmar. Quando os cimos das árvores apareceram de novo, Idn Kamni disse às pessoas na canoa que eles estariam de volta para baixo no mesmo dia.

Depois disso, houve rios neste mundo, seus cursos onde a árvore *Ye* tinha caído. O tronco da árvore *Ye* é o rio principal e seus galhos os córregos e riachos que correm para ele.

Idn Kamni saiu juntando os galhos finos e as folhas em pilhas que são as corredeiras e as cachoeiras de hoje.

A Origem das Onças (M4a)

Um homem matou o pai da sua esposa, o Tamanduá Gigante, enquanto ele comia formigas. Ele devorou todo o Tamanduá, exceto um dos seus pés. Quando sua esposa veio, ele lhe ofereceu o pé e

---

[10] A lança — coisa do xamã — é esculpida em madeira dura. É um implemento ritual — perto da ponta há uma gaiola esculpida em baixo relevo na madeira. Dentro há cristais de quartzo que fazem um chocalhar quando a lança é percutida ou sacudida.

[11] A árvore *ye* é uma grande mimeosácea. A árvore pode crescer até 50m, com um tronco enorme e raízes protuberantes, largamente espalhadas. O fruto se assemelha a um feijão grande e é muito amargo. Os frutos crescem dentro de favas chatas, do tamanho da mão de um homem. A árvore ye alcança sua plena frutificação no meio da estação chuvosa em Maio e Junho.

ela comeu. Então, ela desceu para o rio para lavar a panela. Lá ela bebeu água e vomitou. Primeiro, ela vomitou o bicho preguiça. "Vá para fora", ela disse, e ele correu para a floresta. Entãc ela vomitou a pequena onça jaguatirica e mandou-a ir. Depois a pequena onça vermelha, a grande onça vermelha, a onça listrada e, finalmente, a onça preta. À medida que vomitava cada uma delas, mandava-as ir. Elas todas foram para dentro da floresta.

Então, o seu marido foi embora carregando sua lança-chocalho. Quando ele a sacudiu, todas as onças vieram e o atacaram. Ele as combateu com sua lança, mas a ponta foi se quebrando e ficou mais curta e mais curta, até que ele não pôde mais defender-se com ela e as onças o comeram. Assim, o Tamanduá foi vingado.

IDN KAMNI E AS ONÇAS (M4b)

Bem longe, rio acima, na lagoa do Pássaro do Nariz Comprido (Jaburus),[12] houve uma festa. O mais jovem dos Idn Kamni, um rapaz, levou frutos da floresta para oferecer na festa. Ele chegou lá e entrou na casa de pedra. Os Jaburus tinham pego formigas para oferecer ao pica-pau, seu parente, que lhes tinha trazido termitas.

As oferendas foram feitas com cantos, e os anfitriões prepararam *kapi*[13] de vários cipós e serviram aos hóspedes. Os convidados eram muitos — beberam caxiri e dançaram, Idn Kamni no meio deles.[14]

Mais tarde, Idn Kamni deixou a festa e desceu o rio onde uma velha estava dando banho nos seus netos.

"Que está fazendo, bisavó?"

'As Onças devoraram todo o seu clã". Ela murmurou.

"O que você está dizendo?"

"Nada — estou somente lavando esta criança". Ela respondeu.

"O que você disse?" Idn Kamni perguntou de novo.

"As Onças comeram todo o seu clã. Enquanto você estava fora, sua casa apodreceu e caiu". Ela lhe disse.

---

[12] A designação correta destes pássaros é *Jabiru mycteria Schauenses* (1964, 35). Todavia o nome Maku para eles é por causa dos seus longos bicos como traço mais distintivo; eu segui os Maku ao chamá-los Pássaros de Nariz Comprido.

[13] *Kapi* é o nome Maku para uma bebida preparada de cipós cultivados identificados como do genus bannisteriopsis.

[14] Em algumas versões esta festa finalmente acabou depois que os Jaburus começaram a devorar seus convidados.

Idn Kamni voltou para a dança e botou de lado sua coroa de penas.

Ele dormiu um pouco e depois, quando tinha tomado banho e comido, tomou a forma e as penas de um papagaio e voou fazendo kole kole kole ka ka ka. Ele desceu o riacho. Sua casa tinha apodrecido e caído — ele sentou-se numa viga e chorou. "Todo o meu clã acabado, eleee".

Embaixo dele ouviu uma coisa fazendo kobo kobo kobo. Ele olhou para baixo e viu a Surucucu, deitada nas folhas apodrecidas do teto.[15]

"O que é isto?" perguntou Idn Kamni.

"As Onças comeram todo o seu clã. Eu fiquei para vigiar sua casa quando eles tinham ido embora". A Surucucu disse a ele.

"O que você está procurando agora?" disse Idn Kamni quando ele viu que a Surucucu estava olhando para o seu pote de veneno de caça.

Surucucu não disse nada, mas fitou o pote. Idn Kamni foi e tomou o pote. Sentando num toco, ele fez um desenho no corpo da Surucucu, enquanto ela lhe contava tudo o que tinha acontecido.

"Eu já ouvi tudo o que queria", disse Idn Kamni depois de um pouco — Ele foi procurar bananas no jardim. Lá ele viu a Velha Mulher Veado. Ele a chamou e ela lhe disse:

"Filho do neto, não há boas novas para você agora. Logo depois que você foi, as Onças vieram e comeram todo o seu clã, muito tempo atrás". Ele foi com a Velha Mulher Veado para casa dela. Lá comeu e dormiu um mês, bem sentado.

Então um dia, Idn Kamni foi para a casa das Onças. Entrou e sentou-se atrás dos mais velhos.

"Quebre um pedaço e coma, neto." disse a Velha Onça, passando-lhe um inhambu defumado que estavam comendo. Idn Kamni fez a ave viver de novo, e ela voou gritando por cima da casa.

---

[15] Surucucu é um nome regional brasileiro para *lachesis muta muta*, uma serpente que os Maku chamam *yui-bep*. Contudo, os Maku também dizem que esta serpente um dia foi o chefe da floresta e assim, o termo americano "Bushmaster" coincidente é usado. É uma serpente muito grande — não raro mais que três metros quando completamente desenvolvida — e extremamente agressiva. Ela se joga de uma posição enroscada e é capaz de atingir uma vítima humana ao nível do ombro de uma distância de uma vez e meio o comprimento do seu corpo. O veneno é muito poderoso. É a única serpente — e o único monstro — contra cujo ataque os Maku tomam precauções práticas especiais. É a única serpente da qual é sempre bem avisado fugir — qualquer outra serpente é sempre morta para salvaguardar outras pessoas que venham atrás (Medem 1968, 195).

"O que você quer fazer?" gritou a Velha Onça. Idn Kamni fez a ave voltar e não disse nada. Ele lembrou-se das palavras de sua avó quando deixou a casa dela — "Eles comeram seu clã e agora comerão você também".

Ele tinha vindo e agora as Onças o mataram. Elas o cozeram numa panela grande e decidiram comê-lo.

"Eu comerei este primeiro dedo, este dedinho e o coração." Disse a Velha Onça. Ela mastigou um pouco mas...

"Basta, está duro demais". Jogou-o dentro do rio. Tchobm! [16]

A Velha Mulher Veado estava sentada perto do rio.

"Isso é tudo o que restou de você?" ela gritou.

Tchobm tchobm tchobm — os peixes estavam comendo Idn Kamni.

A Velha Mulher Veado encontrou alguns cipós e fez depressa uma armadilha. Pegou os peixes e das suas barrigas tirou fora o que restou. Ela o amarrou e levou-o para sua casa. Colocou-o numa cesta e pendurou-a.

Quase um mês depois, saíram sons da cesta — weh weh weh. Saíram da cesta dois deles — Idn Kamni, irmão mais velho e mais moço. Se Idn Kamni tivesse se perdido, ele não estaria aqui agora. [17]

Idn Kamni reapareceu. Juntos, eles foram com a Velha Mulher Veado apanhar formigas. Idn Kamni, o mais moço dos irmãos, viu frutos numa árvore. Ia subir na árvore, quando a Mulher Veado disse:

"Todo o seu clã acabou e agora você vai morrer também".

"Está bem, então vá, Avó, faça um laço para seus pés", ele disse a ela, mostrando um cipó. Quando ela foi pegá-lo Idn Kamni fez uma aranha vir e morder seu pé. Ela caiu morta.

Idn Kamni subiu na árvore e viu o que a Mulher Veado tinha tentado evitar que ele visse — a roça das Onças. Ele considerou sua vingança.

A Avó acordou e voltou outra vez à vida.

---

[16] *Tchobm* é o som produzido pelos peixes quando quebram a superfície para abocanhar insetos e outros alimentos.

[17] Agora há dois Idn Kamni — mais adiante somente um é mencionado. Em outros episódios há vários Idn Kamni que são irmãos.

Vale a pena notar que a Velha Onça cospe os restos de Idn Kamni depois de mastigá-los um pouco. Em três outros casos dentro dos mitos a saliva é um elemento germinante; Idn Kamni criou a humanidade da sua saliva misturada com terra e mais tarde, neste episódio das Onças, a avó de Idn Kamni combina seu cuspe com seus próprios pelos pubianos para criar formigas que têm uma mordida poderosa. Depois de vingar-se das Onças, Idn Kamni ressuscita sua avó, a Velha Mulher Veado, cuspindo nos seus restos; ela se transforma num tatu gigante. Na experiência do dia a dia, o cuspe humano é um poderoso agente transformador que fermenta bebidas "doces" transformando-as em cerveja intoxicante.

"A noite está chegando, Avó, vá arrancar mandioca. Não temos nada para comer", gritou Idn Kamni do alto da árvore.

Mas ela arrancou um cabelo da sua vagina e o pôs num tronco de árvore. Ela cuspiu nele e sairam formigas mordedoras. Elas subiram na árvore e morderam Idn Kamni. Ele caiu e ficou lá, seu corpo duro e bolhas saindo de sua boca.[18] Ela tinha tentado fazê-lo esquecer sua vingança, mas ele acordou e disse:

"Junte essa mandioca, Avó, nós faremos caxiri".

Eles foram para a roça das Onças e encheram uma cestinha de mandioca. Quando eles foram para casa, Idn Kamni correu na frente e banhou-se no rio.

"Olhe!" ele disse, ao voltar. Ele tomou a cestinha e esvaziou-a. Dela saiu uma pilha de mandioca do tamanho da metade da casa.

Depois disso, Idn Kamni foi freqüentemente à roça das Onças até que um dia descobriu as meninas Onças lá. Copulou com elas, e quando viu que estavam grávidas pediu que fosse preparada uma festa.[19]

Ele fez uma cesta de beiju, uma peneira, um espremedor e um abanador.

Depois ele caçou — jacus, inhambus, jacamins, mutuns, guaribas, macacos-prego — caçou tudo isso. Os outros animais, ele deixou de lado, para não serem comidos — tamanduás, preguiças, tatus-gigantes, cobras e serpentes. Ele disse que estes eram para os empregados dos Tukano, os *Barasiwa,* comer. Ele tomou a rede e os presentes tecidos para as Onças e convidou-as para preparar a festa. Então, continuou pensando, "eles comeram o meu clã, agora querem me comer também". As Onças se ocuparam fazendo cerveja.

Idn Kamni subiu acima do céu, para o topo do mundo, para o lugar do Trovão.

"Para que você veio?"

"Vim por causa de uma coisa que você tem".

"Que coisa é esta?"

"Eu quero vingar o meu clã".

"Quando você se tiver vingado, traga isto de volta para mim", disse o Trovão entregando-lhe sua vara de trovão.

---

18 Estas são formigas tocandiras — Idn Kamni aparenta os sintomas mais cômicos de todas as mordidas venenosas.

19 Idn Kamni seduziu as filhas das Onças e copulou com elas. Aqui, Idn Kamni está se comportando, com relação às Onças, em parte com maneiras de um genro possível que tradicionalmente traz carne e artigos tecidos ao seu futuro sogro. Mas apresentações semelhantes também ocorrem quando os Maku vão buscar caça e artefatos feitos de materiais da floresta para os seus patrões, os índios do rio, em troca cerimonial.

Idn Kamni voltou para baixo. Ele fez algumas cestas de folhas de palmeira e transformou-as em porcos selvagens. Ele experimentou a vara do trovão neles.

Tak! hu hu hu hu. Os porcos fugiram, apenas amedrontados.

"Ora, isso não me serve", ele pensou enquanto voltava ao lugar do Trovão.

"Você está me pregando peças". Esta vara não presta. Preciso de alguma coisa para vingar o meu clã." Idn Kamni disse ao Trovão.

"Tome", respondeu o Trovão jogando-lhe outra vara. Quando Idn Kamni a pegou, tak! ela fez explodir sua cabeça e fê-la sair girando através do ar.

"Isto é bom" disse Idn Kamni quando sua cabeça desceu e voltou para o lugar de novo.

Ele desceu e experimentou nos porcos que ainda corriam em baixo. Tak! Explodiram em pedaços. Nem carne, nem ossos — só sangue por toda parte. Ele pegou outra folha de palmeira e transformou-a numa cesta. Cuspiu nela, jogou uma praga dentro dela e os porcos começaram a correr outra vez.

Chegou o dia da bebedeira, todos os convidados vieram para a casa das Onças. Eles beberam todo o dia e toda a noite também. Ao meio dia Idn Kamni disse a si mesmo:

"Não volto atrás agora. Vai haver muito sangue". Ele viu que eles tinham trazido facas, um machado e uma grande panela de cozer. Todas as Onças estavam lá e suas mulheres também.

"Muito bem — preparem-se para me comer. Aprontem sua faca, seu machado, sua pimenta e seu sal. Sou o mais jovem do meu clã e, comigo, o clã termina. Dentro em pouco eu dançarei e, quando a dança terminar, vocês me matam". Ele sentou-se lá, bebendo.

"Agora estou pronto. Vocês têm se divertido conosco — nosso clã tem sido seu brinquedo. Agora eu brincarei com vocês; assim, tenham cuidado", disse Kamni. Ele se levantou e juntou-se à dança. Dançou com uma moça Onça de cada lado.

Uma velha mulher Onça [20] preta viu que Idn Kamni tinha escondido alguma coisa sob seu braço. Calmamente ela tomou uma jovem Onça e deixou a casa sem ser vista.

Eles dançaram para a frente e para trás, dançando a Dança das Árvores de Cinza Coca. [21]

---

[20] Velhas Onças pretas — *yaa-siw-wa* — ver pág. 188.

[21] A dança é *Ei*, o nome de uma árvore oca, típica do crescimento secundário. Folhas secas são queimadas e a cinza misturada com coca. Aqui, pedaços são cortados e queimados para fazer instrumentos (troncos ocos), usados para manter o compasso da dança. Tanto a dança quanto o canto têm este nome.

À medida que a dança chegou ao fim, e as Onças estavam para saltar sobre ele, Idn Kamni puxou o trovão debaixo do seu braço e mirou.

Tak! Explodiram aos pedaços, todos eles. Ele encontrou a Avó a Velha Mulher Veado. Ela tinha estado olhando para dentro da casa através de um buraco na parede. A mão dela tinha explodido. Ele pingou um pouco de saliva no corpo dela. Ela se tornou um tatu gigante e foi embora correndo. [22]

Então ele colheu todos os ossos das costas das Onças. O clã Truta do Desano tem todos os ossos do lado Esquerdo — hoje eles os usam nas danças. Os ossos do lado Direito ele levou para o Trovão e os deu a ele. [23]

"Tudo feito?" perguntou o Trovão.

"Sim, tudo feito". Ele disse ao Trovão tudo o que se havia passado.

"Agora tudo está bem", respondeu o Trovão.

Depois disso, Idn Kamni se pôs a procurar uma esposa... [24]

IDN KAMNI E BUK (M5)

Idn Kamni tomou goma da árvore *hwe* [25] e fez uma mulher com ela. Ele lhe deu um espírito soprando fumaça sobre ela — ele criou uma esposa. Ele queria que a esposa lhe desse um filho, mas primeiro pôs um pauzinho na vagina dela. Este foi devorado, ela tinha dentes lá dentro.

"Avó, o que devo fazer?"

"Você precisa da ajuda dos filhos da sua mãe", ela disse a ele.

Ele chamou o quati que veio e levou embora os dentes da vagina da mulher dele. [26]

---

22 Este animal nunca é caçado ou comido pelos Maku. É raro na região do Macu-parana e pertence à classe dos Monstros — *yehepwa*.

23 O simbolismo da distinção entre a Direita e a Esquerda é discutido mais adiante, na página 201.

24 Aqui, no mito existe um paralelo à prática xamânica e a crença. Um xamã obtém rapé do *tsu nem bakka;* este rapé o torna capaz de viajar em forma de espírito além dos limites espaciais e temporais do presente normal. Tsu nem bakka é apenas o intermediário que obtém rapé do Trovão. O Trovão toma as almas humanas e as come. O Trovão mantém o rapé no seu umbigo.

As Onças não têm almas, mas seus ossos e dentes são usados nos trajes rituais pelos índios do rio, nas suas cerimônias.

25 A árvore *hwe* é provisoriamente identificada como balata, *Mimusops* (Arbelas, 1956, 687). A fruta é muito doce e grudenta. A resina da árvore também é muito grudenta.

26 A ajuda do coati mundi é convocada, pois ele tem os dentes mais agudos. Em outra versão a piranha também é chamada.

Ela foi para o jardim e Idn Kamni viu que ela estava grávida, apesar dele não ter entrado nela. Ele a seguiu ao jardim e vigiou. Nada. Ele foi para o rio e esperou. À tarde ela veio para a margem do rio e agachou-se. Ela pegou uma folha e deixou cair sua saliva no chão. Do chão, saiu *Buk*, a cobra.[27] *Buk* entrou nela. "Então é isso que ela faz", pensou voltando para casa. Ele deitou-se lá tocando sua flauta. Sua esposa veio e fez comida para ele.

"Meu estômago dói", disse ele recusando a comida. Ele estava triste. Tocou a flauta, todo o dia e toda a noite ele não comeu. De manhã ele pediu à sua avó para lhe fazer alguma comida. Ele comeu.

Quando sua esposa tinha ido para a roça, ele foi para o rio e cuspiu no mesmo lugar. A cobra saiu enquanto ele observava. Ele botou dois pássaros *wup*[28] nos arbustos, um em cada extremidade de uma trepadeira que ele tinha laçado uma vez em volta do buraco do *Buk*. Então ele se deitou tocando sua flauta, enquanto sua mulher vinha da roça.[29] Ele a seguiu até o rio quando ela foi tomar banho. Ela se agachou e cuspiu no buraco.

Saiu a cobra *nyumi nyumi*.[30]

TSAK! Os pássaros puxaram o cipó e cortaram a cobra dentro dela.[31]

A barriga dela estava grande quando ele a levou para colher frutas *yamb* na floresta. Eles chegaram a uma árvore *yamb*.[32] Ele subiu na árvore e começou a jogar frutas embaixo. Ele cortou um cacho de frutas e deixou-as cair em cima dela. Pah! Ela caiu e para fora dela saíram cobras, coleando como vermes. Idn Kamni correu para cortar as cabeças das cobras mas as cabeças viraram aranhas e correram floresta a dentro. Foi assim que foram criadas as cobras e aranhas.

---

[27] *Buk* é uma cobra — *mai-wa* na classificação Maku. Na taxonomia Ocidental esta criatura é *amphisbaenae* e não é cobra mas um lagarto com um corpo como o dos vermes. (Medem, 1968, 177).

[28] *Wup* são tinamous, pequenos pássaros que se alimentam no chão da floresta.

[29] Idn Kamni toca uma *flauta tsiu-na*, um pequeno bambu com quatro buracos e um canal de cera de abelhas. Vibradores de folha estão ligados acima e abaixo do lábio do canal. Esta flauta é tocada pelos homens jovens — a música que eles tocam nela é conhecida como "choro por mulheres" ou "lamento sobre mulheres".

[30] "nyumi nyumi" é a onomatopéia Bara Maku para o som da cópula.

[31] Discute-se se a cobra copula com sua cabeça ou com a cauda ou se tem um penis que se projeta no meio. De qualquer modo, o membro foi comido dentro da vagina da mulher.

[32] Este é o fruto de uma palmeira ainda não identificada. Sua existência aqui pressupõe sua criação que não acontece até (M8) o episódio final da Estória de Idn Kamni. Não há explicação.

Idn Kamni decidiu-se a procurar outra esposa. Ele pegou um cipó e estregou-o até fazer água. Ele bebeu a água e vomitou. Uma mulher preta apareceu, mas Idn Kamni não a quis. Ele pegou um cipó diferente e bebeu uma porção dele.[33] Quando vomitou, veio uma menina Mulher Cotia — com uma panela de cozinhar. Ele a levou para tomar banho no rio, e quando voltou para cima ela fez comida para ele. Ele se agradou dela.[34]

Todos os dias ela jogava migalhas para os pequenos pássaros comerem. Um pequeno pássaro veio ao lugar dos Urubus com uma migalha de pão dada pela mulher de Idn Kamni.

"Esta comida que a esposa de Idn Kamni faz é boa — é uma mulher que vale a pena roubar. Me dê um pouco mais", disse o Chefe dos Urubus. O chefe Urubu continuou pensando: 'Eu vou roubá-la'.

No dia depois de uma festa de bebedeira, o chefe Urubu a encontrou. Ela estava tirando piolhos do cabelo de Idn Kamni.

'Venha procurar piolhos na minha cabeça'. Eu me sentarei neste toco, estou cansado depois de toda aquela bebedeira', disse Idn Kamni para sua esposa. Ele sentou-se adormecendo e continuou dormindo quando o Urubu veio.

'Agora onde você foi!' Ele acordou e olhou em volta. Ovos de piolho corriam por ali. Ele olhou diante da casa — nada. Correu para o rio — nada.

"Onde foi aquela mulher? Você sabe, Avó?"

"Eu não vi. Ela estava de pé atrás de você procurando piolhos na sua cabeça enquanto você se sentava dormindo".

Dois dias se passaram e começou a chover. Com a chuva, as termitas chocaram seus ovos abaixo da terra e as jovens termitas começaram a sair voando, fazendo círculos no ar. Pássaros vieram comer as termitas, dois na frente, dois atrás.[35] Idn Kamni jogou pauzinhos neles.

"Nós viemos lhe trazer boas notícias, filho do neto", disseram os pássaros.

---

[33] Não foi possível obter nenhuma identificação destes cipós.

[34] Neste episódio Idn Kamni assume várias formas, pertencentes a diversos conjuntos diferentes de personagens. No início, Idn Kamni também é conhecido de todos como *Wanani*, um pássaro preto que chama seu próprio nome "*wanani, wanani* — eu me lembro, eu me lembro". Este pássaro poderia ser um Mergulhão ou um Cormorão.

[35] Estas são termitas do bosque que saem dos ovos depois de períodos de chuva. Depois que suas asas as tiram do ninho na floresta, elas caem.

"Que boas novas vocês me trazem?" perguntou Idn Kamni.

"Eu não comecei a lhe dizer, eu acabo de chegar", disse o pássaro. Idn Kamni jogou outro pauzinho.

"Sua mulher está lá — está fazendo caxiri. Acabamos de deixá-la". Com isso, eles voaram para longe — o sol estava se pondo.

No dia seguinte, cigarras voavam por ali. Idn Kamni sentou-se para olhar. Tesourinhas vieram e voaram perto, ameaçando a cabeça de Idn Kamni. Ele jogou um pau neles.

"Temos boas notícias para você, filho da mãe".

Ele jogou outro pau neles.

"Agora mesmo sua mulher está fermentando cerveja, nós vamos beber lá na casa do Chefe Urubu. Não quer vir e ver sua mulher?"

Então Idn Kamni tomou sua coroa de plumas e foi além das nascentes do Rio Guacamayo com eles, com os papagaios que tinham vindo de além deste céu e de acima do lugar onde vivem os Urubus.

"Filho da mãe — aquela mulher está segura de conhecer você", disse um gavião.

"Como irei?" ele se perguntou. "É isso, irei como uma Andorinha". Idn Kamni tomou a forma e as penas de uma velha andorinha doente. [36] Ao mesmo tempo, tornou-se um veadinho que correu seguindo-os.

"Isso é bom. Vamos", disse Idn Kamni.

Eles levaram formigas para oferecer aos Urubus. Embaixo do seu braço, Idn Kamni carregava cabaça quebrada e feia — ele a trouxe porque compreendeu sua feiura. [37]

Quando eles chegaram ao lugar dos Urubus, um dos passarinhos da sua mulher o reconheceu e começou a dizer:

"*Wanani* está chegando — *wanani* está..." mas Idn Kamni virou a língua do passarinho de modo que tudo que ele disse foi:

"teneka teneka teneka".

"Eu não sou *wanani,* eu sou a Andorinha velha", mentiu Idn Kamni.

Todos entraram na casa, o veado os seguiu. Eles ficaram de pé no meio até que foram cumprimentados, então eles se sentaram. O veado deitou-se atrás e olhou.

"Andorinha Velha nos trouxe um veado", disse um Urubu.

---

[36] Em outra versão Idn Kamni se faz um velho e doente *Ubde* Maku cujo corpo é coberto de feridas purulentas. Em ambas as versões o ponto central é parecer atraente aos Urubus. Idn Kamni assume um corpo moribundo que já esteja apodrecendo.

[37] Idn Kamni tomou a cabaça feia porque sabia que sua feiura pareceria atraente aos Urubus — assim como as feridas —, do ponto de vista deles.

"Não, este é o veado da Andorinha Velha", disse um dos Tesourinhas.

"Então é assim", respondeu o Urubu.

Depois de terem comido, lhes ofereceram bebida. Quando ela foi oferecida à Andorinha Velha, ele tomou a cabaça dos Urubus e derramou a caxiri dentro da cabeça feia que trouxera e bebeu dela. Então os visitantes deram aos Urubus as formigas que tinham trazido.

Quando sua mulher estava oferecendo cerveja a Idn Kamni — a Velha Andorinha — o veado saiu da casa. Andorinha Velha derramou metade da caxiri na sua cabaça feia e deixou a outra cabaça cair. Ela rolou pelo chão.

"A Andorinha Velha adormeceu", disse o Chefe Urubu.

"Eu não estava dormindo — sou velha, é isso.", respondeu Idn Kamni, deixando cair outra cabaça. Duas vezes ele encheu sua cabaça e quando estava cheia deixou-a cair.

Foi aí que o Chefe Urubu o conheceu — "Este é *wanani*", o seu espírito lhe disse. Mas vendo isso, Idn Kamni virou a língua do espírito do Chefe Urubu e o fez esquecer.

Eles estavam para ir embora quando Idn Kamni de novo virou a língua do Chefe Urubu e fê-lo dizer.

"Andorinha Velha, fique e cuide da minha casa — não tenho ninguém para vigiar este lugar quando eu saio".

"Estou muito envergonhada — ficarei lá bem longe", respondeu a Andorinha Velha.

"Você está bem lá", disse-lhe o Urubu Chefe.

Eles foram todos. Idn Kamni levou seu corpo de veado para a floresta e deitou-se. Ele se fez decompor e esperou. Depois de algum tempo um Urubu o encontrou, e logo muitos Urubus vieram. Eles se sentaram em volta sileciosamente, enchendo as árvores, olhando para ele, esperando. Um Urubu veio bem perto agora. Idn Kamni abriu um olho só um pouquinho para ver se todos eles tinham vindo.

"Ele está olhando!" gritou o Urubu. Eles voaram embora, de volta ao seu lugar.

Idn Kamni foi de volta também. "O veado não funcionou e de qualquer jeito nem todos eles vieram". [38]

"Uma anta seguramente trará a todos", Idn Kamni disse a si mesmo. Ele matou uma anta.

---

[38] Como no caso dos relâmpagos que Idn Kamni usou nos porcos, a primeira tentativa falha.

Logo todos os Urubus souberam da anta apodrecendo na floresta.

"Faça pão. Nós vamos sair para comer sardinhas[39] o Urubu Chefe disse à Mulher Cotia. Por dois dias ela colheu mandioca. Um dia se passou. No dia seguinte ela acordou e cozeu o pão. Ela o embrulhou.

"Aqui está", disse a Mulher Cotia, dando-o ao Urubu Chefe.

Idn Kamni olhou para dentro através da cerveja e encontrou uma abelha grande. Ele tentou morder-se e comê-la — nada. Olhou de novo e tentou uma pequena, mas também não doeu. Então ele viu uma grande vespa verde-azul. Tentou morder-se outra vez — e caiu.

Depois de um pouco ele acordou.

"Isto é bom. Vai dar certo". Foi à Mulher Cotia gritando "Vespa! Vespa! Cuidado! e a mordeu com ela — tsak. Ela caiu.

"Uma vespa mordeu sua esposa" Idn Kamni disse ao Urubu Chefe.

Idn Kamni virou de novo a língua do Urubu Chefe e fê-lo dizer: "Você fique aqui e cuide dela, Andorinha Velha".

Quando todos os Urubus tinham ido comer a anta, Idn Kamni foi à mulher Cotia e tirou o ferrão da vespa. Ela acordou e Idn Kamni disse a ela:

"Agora você deve fazer caxiri. O Urubu Chefe nomeou você para preparar a festa da sardinha".

Ela saiu com a velha mulher que costumava cozinhar para os urubus e juntas elas colheram mandioca — três cestas. E milho, três cestas também.

Idn Kamni saiu e cortou lenha para o fogo. Então ele disse à Mulher Cotia para vir e apanhar madeira. Ele tinha cortado muita — ela teve de carregar vários fardos. Quando ela saiu com um fardo, Idn Kamni tirou seu corpo de Andorinha e pôs sua coroa de pluma. Ele subiu num toco de árvore — sua sombra caiu no caminho da sua esposa quando ela saiu para apanhar mais lenha.

"O que é isso que usa uma coroa de plumas?" ela pensou. Ela olhou para cima. Vendo o pássaro *wanani* ela deixou cair a madeira.

"É Idn Kamni". Ela foi para ele.

"Não me toque — você tem estado comendo minhocas. Eu vim buscar você e acabar com estes Urubus", ele lhe disse.

Ele mandou que apanhasse todo o milho da roça dos Urubus. Então eles desceram para o rio para tomar banho.

---

[39] Aqui existe um trocadilho, substituindo *yu-yu* — sardinhas por *yu-yu* — larvas.

Quando ele foi, sua mulher disse à velha mulher, cheia de felicidade.

"*Wanani* veio para me levar de volta".

"Tenha cuidado — ele jogará você longe", respondeu a velha.

Lá embaixo no rio, Idn Kamni encontrou os Papagaios, Araras, Tucanos, Periquitos, Papa-Figos e Sanhaços — todos os pássaros estavam lá. Eles vieram catar o milho, bicar, os grãos, mastigar os inhames. Eles encheram três cochos de caxiri e esperaram até a espuma flutuar.

Quando o primeiro cocho tinha fermentado, sentaram-se para beber. Quando tinham bebido um cocho, os outros dois tinham fermentado. Eles beberam tudo, e quando o sol estava a pino beberam o último.

Então Idn Kamni e os passarinhos quebraram tudo na casa e queimaram — tudo. "Estou me vingando", disse Idn Kamni. De modo que aquele povo soubesse o que acontece quando um homem toma a mulher de outro.

Idn Kamni subiu para a viga do teto e tirou a cabaça debaixo de uma folha de palmeira. [40]

"Ainda tem isso", disse jogando-a para baixo. "Queime isso também". Mas a cabaça saltou de volta para a viga do teto e gritou: "Wanani está levando sua mulher de volta" e a cachoeira soou du du du du du du.

"Ouça, é a cachoeira", gritou um dos Urubus na floresta abaixo.

"Nada".

"Wanani está levando a mulher dele de volta".

"Vamos ver".

A casa estava em chamas quando os Urubus chegaram.

"Wanani está queimando a minha casa", gritou o Urubu Chefe.

A casa caiu. O Urubu Chefe desceu para o rio. Idn Kamni já estava atravessando o riacho na canoa dos Urubus.

"O que você está fazendo?" gritou o Urubu Chefe.

"Por que não — estou indo embora", chamou Idn Kamni.

"Deixe esta mulher — eu a quero".

"Você veio sozinho — ande com os seus, respondeu Idn Kamni.

---

[40] Esta cabaça serve ao Urubu Crefe como guardião da sua casa. Quando a cabaça é jogada no chão, grita um aviso que ecoa pela cachoeira perto da casa. É a mesma cabaça que Idn Kamni, fantasiado como uma Velha Andorinha doente, fez anteriormente rolar no chão para revelar de modo breve a sua identidade ao seu adversário.

A água cresceu de repente nas rochas, e todos os Urubus, exceto seu chefe, caíram dentro. Idn Kamni fez a água engrossar. Os Urubus queriam brigar. Eles tentaram nadar mas não puderam se mover — a água estava espessa.[41] Todos os pássaros que tinham vindo para a festa viram quando o último dos Urubus foi levado embora no riacho. Então todos eles voaram, cada qual para o seu lado.

Idn Kamni e sua esposa andaram um pouco na canoa quando passaram por um Picapau que estava bicando uma árvore.

"Tuh tuh tuh tuh eu sou wanani com uma mulher cheia de larvas tuh tuh tuh", disse o Picapau.

"O que você está dizendo?" perguntou Idn Kamni saindo da canoa.

"Nada — somente lambendo mel. Algumas pessoas — pessoas ruins do rio — engravidaram sua mulher. Ou ela traz a criança de outro clã?" ele disse provocando-o.

"Não foi isso que eu ouvi. Diga direito", perguntou Idn Kamni de novo.

"Lá vai wanani na sua canoa com uma mulher cheia de larvas, foi o que eu disse", respondeu o Picapau desta vez.

A mulher de Idn Kamni estava saboreando o mel — "É delicioso" disse ela botando a cabeça dentro da colmeia.

Idn Kamni bateu na colmeia. Ela caiu. Da sua barriga saíram sapos.[42] Eles se enfiaram na floresta.

Idn Kamni Vai Embora (M7)

Assim ele voltou e encontrou outra mulher.[43] Mas um irmão de clã, rindo dele, tomou-a. Depois disso ela ficou grávida e foi assim que Idn Kamni ficou zangado.

Ele se foi lá para cima, para os Papa-Figos e Sanhaços, para o lugar do Paraíso Sanhaço. Lá eles ficavam, partilhando e comendo comida. Depois de algum tempo lá, ele desceu. Ele entrou na sua casa sob a forma de uma grande vespa e foi para baixo da panela de assar. No dia seguinte ele fez a mesma coisa, e de novo no dia

---

[41] A água fica espessa do mesmo modo que água fervente dentro da qual se joga farinha de trigo.

[42] Não foi possível nenhuma identificação positiva destes sapos; contudo, é certo que eles não estão entre os sapos comestíveis ocasionalmente colhidos pelos Maku.

[43] Não há maiores detalhes sobre esta mulher, senão o fato de que ela foi uma mulher humana dos Primeiros Povos. Foi o irmão de clã de Idn Kamni quem a seduziu.

seguinte. Então ele percebeu o que tinha acontecido.[44] Indo onde sua esposa estava, ele disse:

"É hora de eu dançar e cantar, então eu estou dizendo a você para prepara caxiri".

Ela foi apanhar mandioca, arrancou-a. Agora ele ia fazê-lo.

A noite chegou, e no meio dela Idn Kamni levantou-se — era hora de ele ir-se embora.

Começando a festa, ele levantou-se:

"Venha e me traga cerveja".

Era hora de dizer as novidades. A mulher que levava o filho de outro na sua barriga encheu uma cabaça e veio oferecê-la a ele onde ele estava sentado. Mas Idn Kamni recusou a cabaça e olhou para o hóspede que estava sentado perto dele e disse:

"Este é o seu marido".

Ela foi perto daquele convidado e ofereceu-lhe cerveja. Idn Kamni estava brincando com ela agora. Ele olhou para seu ventre pesado. O convidado olhou para o próximo convidado e disse.

"Este é o seu marido".

Ela ofereceu caxiri ao segundo convidado, mas ele fez a mesma coisa, assim como fez o próximo até que ela tinha oferecido a todos os convidados e ninguém tinha tomado.

Devagar, ela caminhou de volta e no meio do caminho tah! ela deixou cair a cabaça. Neste momento eles todos começaram a cantar yeeeeeee e a fruta *yabm* apareceu caindo entre eles.

Eles dançaram, beberam. A madrugada não tinha chegado quando eles começaram a dançar o Novo Pau Cortado para dispensar os frutos.[45] Eles dançaram até que o sol tivesse cruzado o céu e estivesse se pondo.

"Basta", disse Idn Kamni. "Ouça-me, esposa. Traga minha rede, minhas coisas e as enrole. Ponha-as na minha cesta".

---

[44] Então ele percebeu o que tinha acontecido. A expressão Bara-Maku *henna en-na* não pode ser traduzida com facilidade; *en-na* pode significar olhar e ver, enquanto *henna* pode significar representar ou dar medida — por exemplo, a distância do osso do pulso para a ponta do cotovelo é comprimento ideal para cortar lanças, sendo o antebraço uma *henna-ti* para lanças.

[45] A Dança do Novo Pau Cortado é *Má-tibu,* um canto e uma dança especiais nos quais os dançarinos marcam o tempo com varas cortadas de árvores novas de madeira dura. A casca é macia e sumarenta, o centro extremamente duro e forte. Neste caso, o Novo Pau Cortado é dançado durante a distribuição de frutas *yabm.*

As varas de dança usadas aqui são totalmente opostas, em todos os aspectos, aos tubos ocos da Árvore de Cinza de Coca, que eram usados na Dança onde as Onças se prepararam para devorar Idn Kamni.

Ele botou a cesta nas costas e carregou-a.

Eles dançaram em roda. Eles cantaram e dançaram o Novo Pau Cortado. Rodaram e rodaram, e terminando eeeeeeeeeeeeee... [46] eles subiram fazendo voltas pelo céu, Idn Kamni e os Papa-Figos e os Sanhaços. Seus paus de dança cairam atrás deles com o som da chuva kene kene kene tudn tudn!

Foi-se o Idn Kamni. Ele se foi para sempre. Terminou.

A Estrutura do Cosmos

Introdução

O Cosmos Maku se compõe de várias camadas arranjadas em uma coluna vertical. Este eixo vertical de arranjos foi o ponto de partida da minha elicitação da estrutura do cosmos, e também os Maku pareciam achar isso um meio simples e natural de explicá-lo. Assim, ao apresentar esta estrutura eu começarei com este relacionamento espacial ao longo de um eixo vertical. Contudo, estes relacionamentos espaciais não são os únicos relevantes entre as camadas e os seus habitantes; eu vou mostrar mais adiante que, num certo sentido, os eixos de tempo e visibilidade correm paralelos a este eixo espacial. Com isto eu quero dizer que o que está Acima está também Antes, enquanto o Abaixo coincide com o que vem Depois. No meio está o mundo do Aqui e Agora, onde os fenômenos se tornam visíveis ao olho humano. Os objetos e os seres do Acima-Antes são invisíveis aos humanos que despertam, assim como as coisas do Abaixo-Depois. É somente quando os ciclos da vida dos seres dos extremos de tempo e espaço fazem com que eles passem através do Aqui e Agora dos humanos que estes seres podem ser vistos pelos homens em sua forma corporal. Somente nas viagens espirituais deliberadas de um xamã e nas divagações confusas e descontroladas do espírito de uma pessoa os humanos viajam fora do Aqui e Agora para os Limites de Espaço e Tempo.

Esta orientação paralela dos eixos de Espaço, Tempo e visibilidade será elucidada na Conclusão, seguindo a descrição das camadas do Cosmos, os ciclos de vida e as relações dos seus habitantes.

---

[46] O longo, monótono e altamente emitido eeeeeeeeeeeeee é parte da "afinação" e "preparação" uníssonas que invariavelmente precedem e encerram cada parte do canto de uma dança. O monótono cai, e é repetido duas vezes mais; é seguido por assovios altos, e finalmente por gritos abusivos.

Também será possível distinguir entre as criaturas que morrem e são, de algum modo, renascidas ou regeneradas, e as que morrem, perdem-se e nunca voltam; o relacionamento entre esta distinção e os eixos de Espaço, Tempo e Visibilidade serão discutidos.

Três representações gráficas executadas pelos próprios Maku fornecem um bom ponto de partida para a compreensão da estrutura do Cosmos. O desenho feito por Huw ilustra os acontecimentos que levaram à vingança de Idn Kamni contra as Onças. Os caminhos à esquerda e à direita correspondem aos eixos Oeste e Leste nesta terra; a trilha central, que começa com uma escada, corresponde a um eixo vertical que leva primeiro ao domínio dos Urubus, logo acima ao domínio dos Gaviões de Cauda de Andodinha, e acima disto à casa do Trovão. Outro desenho de Huw ilustra a partida final de Idn Kamni deste mundo, quando ele foi para o domínio dos Papa-Figos e Sanhaços, acima do dos Tesourinhas, para ficar lá um tempo antes de continuar a estabelecer seu próprio domínio perto da casa do Trovão.

Um terceiro desenho feito por Hita, que é o filho mais moço do irmão mais velho de Huw, mostra o todo do Universo com todas as suás camadas. Neste desenho, Hita dá uma representação antropomórfica dos habitantes dos mundos mais alto e mais baixo; o desenho também tem uma forma total que pode parecer-se com algumas das representações Católicas (vitrais, iluminuras) que Hita pode ter visto durante seu internamento de seis meses em Escolas de Missões Católicas.

Meu próprio diagrama (diante da página 237) se desenvolve a partir destes desenhos e de uma série de discussões nas quais os modelos eram feitos com folhas, pauzinhos e lama. Ele foi escrutinizado pelos Maku que comentaram que o Universo poderia provavelmente ser visto desta maneira; todavia pareceu que, para os Maku, representações gráficas do Universo tinham pouco valor e pouco interesse. Eles insistiam em que a melhor compreensão vem da experiência direta; viagem do espírito com um xamã como guia e através do uso do *tsu-nem* inalado.

Os Maku descrevem o Cosmos como feito de várias camadas ou discos acima e abaixo desta camada, ou terra, sobre a qual eles vivem. O conjunto é envolto em uma pele e tem a forma de um ovo. Ninguém sabe o que está por trás dessa pele.

Existe um consenso sobre os habitantes desses níveis e sobre seus papéis e características entre os Maku dos tributários orien-

tais do Maku-parana; até onde eu pude julgar, os Maku dos tributários do norte do Vaupés compartilham esta cosmologia.

Começando pelo nível mais alto do Cosmos, cada nível e seus habitantes estão descritos abaixo.

Idn Kamni pebm — O lugar de Idn Kamni

No alto de todo o Cosmos, perto da casa do Trovão, mora Idn Kamni. Idn Kamni primeiro criou as pessoas, combinando sua saliva com a terra para criar as almas e os corpos humanos. Assim, quando as pessoas morrem, seus corpos voltam para a terra e suas almas voltam para Idn Kamni (M1). Com a exceção dos desafortunados que morrem afogados, e de outros cujas almas são levadas por xamãs malevolentes para cumprir alguma barganha, as almas de todos os que morrem vão para onde está Idn Kamni, não importando suas vidas e feitos nesta terra. A alma da pessoa morta chega lá sob a forma de um recém-nascido. Idn Kamni dá ao bebê uma bebida feita de flores e imediatamente ele cresce, tornando-se um rapaz ou uma moça. Ele então convida o recém-chegado para comer; eles comem abacaxis, bananas, mandioca, milho, inhame, arroz e todos os tipos de comida cultivada. Pois na vida de além-túmulo, na casa de Idn Kamni, não há mais caça nem pesca.

O nome de Idn Kamni combina *idn,* uma raiz da qual se deriva *idip* que significa osso, com *Kamni,* que os *Bara* Maku não são capazes de explicar. Todavia, a forma mais aproximada que encontrei foi *kama'ni,* um adjetivo que significa "frio". Neste caso, Idn Kamni poderia ter o significado de "Osso Frio". Mas os trabalhadores SIL em *Wacara* receberam a informação de que *kamni* indicava "que tem o poder de morder"; os *Bara* Maku em Bara'tore negaram que kamni tivesse tal significado.

Eno'pebm — A Casa do Trovão

O Trovão é o senhor dos raios e dos relâmpagos. O Trovão é visto como nem benevolente nem malévolo; antes, o Trovão é a última força ou poder que pode ser manipulado por certos feiticeiros poderosos e xamãs para atingir seus objetivos. Por meio de um raio, a doença pode ser jogada numa vítima de uma grande distância por um xamã malévolo.

O Trovão é também o senhor do rapé *tsu nem* que ele mantém no seu umbigo. Através do intermediário do *tsu nem bakka* que

mora na Casa do Trovão, um xamã pode obter sopro de volta pelas almas das pessoas a quem ele mata. O xamã dá estas almas humanas ao *tsu nem bakka* em troco do sopro. O *tsu nem bakka* retém um pouco as almas antes de entregá-las ao Trovão que as come.

Kui-wa — Estrelas

Abaixo do domínio do Trovão passa a trilha das Estrelas.

As Estrelas estão lá de dia mas não podem ser vistas porque o sol brilha claro demais. Os Maku reconhecem várias estrelas ou constelações, a maioria das quais são visíveis apenas na estação seca. As maiores constelações são:
kui-kuru-wa, "cortes de estrelas" — Plêiades;
keh kaya, "jirau para moquear peixe" — Touro;
bewat, "coisa carregada no ombro" — Cinturão de Orion e Lota Orionis;
tebn, "camarão de água doce" — Bellatrix ou Leo
yuu, "tatu" — Corona Borealis;
bupbeh, "víbora" — Escorpião;
hiw, "onça" — Cetus.

Estas são as principais constelações que são reconhecidas e que anunciam a vinda das mudanças sazonais nas chuvas e no meio ambiente das plantas e dos animais. À medida que cada constelação perde elevação no céu ocidental e sua estação se aproxima do presente, as estrelas são transformadas em pequenos pássaros visíveis durante o dia. Estes pequenos pássaros voam cruzando a terra através da floresta até que seja tempo de se tornarem uma vez mais a mesma constelação e ganhar elevação no céu oriental.

C. Hugh Jones pode corroborar esta relação entre constelações e pássaros migratórios, rebanhos e Papa-arroz (Dolichonyx oryyzivorous) que apareciam apenas na estação chuvosa de Maio a Outubro e eram identificados pelos Barasana como as Plêiades que são visíveis somente de Novembro a Abril (Comida e Trabalho entre os Barasana: Reconhecimento de Estações, C. Hugh Jones, MS 1971).

Tsuy-wa mata — Domínio dos Papa-Figos e Sanhaços

Acima do domínio dos Tesourinhas vivem os *Tsuy-wa*. Identificações provisionais sugerem que a categoria tsuy-wa inclui Papa-Figos e Sanhaços. Uma grande proporção das fotografias coloridas de Papa-Figos e Sanhaços apresentadas por Schauensee (1964) foi imediatamente classificada como tsuy-wa por vários Maku. Dos Sanhaços, escreve Schauensee: "De certo modo gregários, algumas

espécies viajam através do dossel da floresta tropical ou em segundo crescimento em bandos misturados de tanagras e outros pássaros pequenos".

Apesar do fato de os Tsuy-wa parecerem viver e viajar num nível ecológico real mais baixo do que os Gaviões e os Urubus, ocupam um domínio mais alto no cosmos Maku. É possível que a ordem cosmológica destes domínios esteja relacionada com os níveis em que estes diferentes pássaros encontram seu alimento. Os Urubus se alimentam ao nível do chão, os Gaviões se precipitam para apanhar termitas e outros fazem seus ninhos no chão, enquanto os tsuy-wa carregam sua comida para bem alto no cimo das árvores.

Os Tsuy-wa são amigos e confortadores especiais de Idn Kamni. Quando pela terceira vez Idn Kamni falha em se casar e procriar seu clã (que tinha sido devorado pelas Onças), é para os Tsuy-wa que Idn Kamni vai, em busca de consolo e abrigo. Depois, com eles é que ele vai estabelecer seu próprio domínio, bem acima da Casa do Trovão (M7). Todos os pássaros pequenos (hebe'wa) são cúmplices e amigos de Idn Kamni, e freqüentemente Idn Kamni assume a forma de um deles.

Alguns dizem que o espírito da Avó de Idn Kamni, a Velha Mulher Veado, agora vive entre os Tsuy-wa.

Tawin-wa mata — Domínio dos Gaviões

Abaixo do domínio dos *Tsuy-wa* moram os Gaviões de Cauda de Andorinha (Elanoides Forficatus, Schauensee, 1964, 47). Foram eles que trouxeram as notícias a Idn Kamni do rapto de sua mulher pelos Urubus, e que deram a Idn Kamni um disfarce e uma *entrée* para trazê-la de volta (M6).

Os Gaviões são amigos e companheiros dos xamãs e de outros que viajam em forma de espírito.

Eles podem ser vistos volteando acima da floresta, raramente batendo as asas. Alimentam-se de pequenos insetos voadores. Quando descem em flecha e se precipitam na superfície dos rios — seja para apanhar peixes pequenos ou para apanhar insetos na superfície — os Maku dizem que eles tomam banho. Os Gaviões também comem sementes e frutas, de acordo com os Maku.

Hup-wa-mata — Domínio dos Urubus (Cathartes Ruficollos, Schauensee, 1964, 46).

Abaixo dos Gaviões e acima do céu visível em que o Sol e a Lua seguem seus caminhos, está o domínio dos Urubus. Sua comida

consiste em carcaças apodrecidas, detritos humanos e de outros predadores. Quando a Criação ainda era nova, eles roubaram a mulher de Idn Kamni e encheram seu ventre com sua semente, que depois se transformou em sapos (M6). Os Urubus têm vista muito aguda e olfato afiado — qualquer carcaça na floresta é logo localizada pelos Urubus que circulam preguiçosamente acima do topo das árvores até que tudo esteja claro para eles começarem sua festa.

Casas da Caça — Aka Mu

Acima da terra na qual vivem as pessoas, estão as Casas da Caça. Huw, meu principal professor destes assuntos, explicou que estas Casas de Caça pareciam ao homem as colinas, montanhas e outros relevos maciços de rocha ígnea que são comuns nas regiões de nascente. Mas Tsui, o irmão mais velho em cuja casa eu morei mais de um ano, sustentava que as Casas da Caça estavam acima do céu e acima da trilha da Lua e do Sol.

Todavia, ambos os irmãos, e todos os outros que emitiram qualquer opinião, concordaram que a floresta onde as pessoas vivem e caçam recebe caça das várias Casas de Caça nas suas diferentes áreas. Estas Casas de Caça são ligadas a esta terra por uma rede invisível de vinhas ou cordas de pelo de macaco. Quando a caça é liberada das Casas de Caça, viaja através desta rede, vindo correr na floresta.

Cada Casa de Caça tem seu Dono. É ele que levanta a caça e controla sua liberação. O Dono da Casa de Caça também é capaz de controlar onças e outros monstros para que façam sua vontade. Normalmente o Dono libera seus animais no pico das chuvas pesadas, antes do período em que haverá bastante comida para seus animais de caça na floresta. Se ele não os liberasse de tempos em tempos, eles se tornariam tantos e tão famintos (pois animais de caça se multiplicam rapidamente pela cópula nas Casas de Caça) que começariam a atacar um ao outro dentro da Casa.

Os Humanos em seu estado normal de vigília não podem ver o Dono e as Casas de Caça. É somente através do espírito — seja em suas viagens durante o sono ou nas suas viagens com o rapé (aspiração) *tsu-nem* — que o Dono e as Casas de Caça podem ser percebidos. Certos homens têm o poder e o conhecimento para viajar para as Casas de Caça em suas formas de espírito e de barganhar com o Dono para a liberação especial de animais de caça; eles lhe pagam com fumaça de tabaco, que é seu alimento favorito.

Dentro das grandes pedras e rochas que formam as corredeiras e cascatas nos rios estão as Casas dos Peixes. Como as Casas de

Caça, os peixes têm um Dono que os regenera e que controla a sua saída. Como vamos ver mais adiante, enquanto os Maku atribuem alguma importância às Casas de Caça e às relações com seus Donos, as Casas de Peixes e o Dono dos Peixes são raramente mencionados.

O Mundo dos Humanos e dos Monstros

Este mundo é habitado por Pessoas (*kak-wa,* índios), Homens Brancos (*Hi-wa,* que inclui Brasileiro-wa, Colombiano-wa e Gringo-wa), animais de Caça (aka), Peixes (kek-wa), Pequenos pássaros que não são caçados (heb'wa), "Monstros" (yehep-wa) e inúmeras espécies individuais de insetos que não têm categoria geral. Também neste mundo estão as plantas: lianas arbustos, cipós, fungos e outras.

Os rios correm do Oeste para o Leste e o sol se levanta rio abaixo e se põe rio acima. A chuva, o vento e as nuvens usualmente viajam na mesma direção dos rios. Esta terra é um grande disco chato; se alguém tivesse de alcançar a beira, poderia facilmente cair.

A categoria "monstros" (yehep-wa) inclui todos os predadores, carnívoros e comedores de carcaças que os zoólogos ocidentais poderiam esperar encontrar na bacia amazônica noroeste, tais como onças, cobras, urubus etc. Todavia, além das preguiças e dos tamanduás, esta categoria também inclui a borboleta Morpho e certos sapos e lagartos. Há também vários "monstros" que um zoólogo ocidental poderia não esperar descobrir: *ya-siy-wa,* grandes onças pretas que voam pelas árvores à noite:

eh hemp bu (chama-e-come) que tem o corpo de onça com duas cabeças. Imita pessoas chamando na floresta, e devora os que são atraídos pelo chamado.

hap ehnit (alto chamador) tem o corpo de uma preguiça com marcas em zig-zag na barriga. Tem também braços muito compridos, e senta-se no alto das árvores chamando as pessoas. Ele as come se elas vêm.

namu também, segundo alguns, tem o corpo de onça, mas muito maior; outros dizem que *namu* tem a forma de homem. Chama na floresta e mata sua presa humana urinando sobre ela. Namu também mata com trovão.

Somente uma vez, nos dois anos que passei entre os Maku, alguém ouviu o chamado destes monstros; de outro modo, todo o

meu conhecimento deles se acumulou da discussão, que começava com minha tentativa de estabelecer a inclusividade da categoria "monstros" (yehep-wa).

Atributos dos Humanos

Os indivíduos humanos diferem uns dos outros no caráter, e cada indivíduo pode em alguma medida mudar de caráter através do tempo.

A julgar pelo seu comportamento para com outras pessoas, qualquer indivíduo pode ser descrito como *twi-ni,* um adjetivo com uma raiz que se traduz melhor como 'bom' ou 'bem', ou ainda como *yeh-bung* um termo que acrescenta um sufixo enfático ou superlativo à raiz *yeh,* da qual se deriva a categoria de 'monstros', *yehep-wa.* Uma pessoa que é yeh-bung ou mesmo yehep é alguém que envenena seus semelhantes, ou pratica feitiçaria contra eles; fala mal das pessoas e carece de generosidade, recusando-se a partilhar seus bens com os outros. Outra maneira de descrever a falta de genrosidade de alguém é dizer que ele "não responde" — *he pa'kan.*

Tanto o caráter quanto a atuação física podem ser indicados dizendo-se que alguém é *wep,* rápido e forte, ou o oposto *weh,* lento e fraco. Estas categorias podem também ser aplicadas a instrumentos e implementos — um arco, uma zarabatana, uma canoa — e à corrente de um rio. Freqüentemente estes conceitos são usados com uma negativa — de uma canoa pesada diz-se que 'não é rápida' — *wep kan.*

Além destas classificações simples dos atributos e comportamentos humanos há inúmeras expressões idiomáticas. As mais comuns descrevem um conjunto de qualidade relacionadas que formam um modelo do que os Maku respeitam e valoram um no outro. Um homem de quem se diz que 'ele não vacila' — *mem'kan tsi* — é alguém que se mantém firme e estável, que persegue seus objetivos com cuidado, velocidade e força constantes.

Hwew-wa — O povo da fruta Umari [47]

O povo da fruta Umari é amarelo e sua pele é coberta de gordura. Ele vem a este mundo através de buracos nos rios à noite —

---

[47] Esta fruta é conhecida em Espanhol pelo seu nome em língua geral, "umari". Foi identificada em 1913 por Koch-Grünberg como Geoffroya-Spinoza L. A fruta cresce numa grande árvore selvagem ou plantada pelo homem. É uma fruta amarelo vivo com polpa ligeiramente amarga e muito gordurosa. Pode servir como carne na cozinha Maku, comida com pão de mandioca, sal e pimenta.

primeiro para colocar as frutas Umari nas árvores e depois para amadurecê-las.

O sol cruza o céu do seu mundo de Oeste para Leste, e os rios, que são quentes e correm com gordura, vão de Leste para Oeste; as direções do sol e do rio são o reverso da sua direção nesta terra. Quando é noite no nosso mundo, lá é dia. Os animais que são muito pequenos no nosso mundo são muito grandes lá embaixo no mundo Umari, e vice-versa. Os Maku dizem que quando eles comem frutas Umari, os pênis do povo Umari ardem como se tivessem sido esfregados com pimenta capsicum.

A estória seguinte da visita de Idn Kamni ao mundo do povo Umari desenvolve-se nessa ordem inversa de acontecimentos e seres; seu companheiro, o pássaro *Kuya,* torna-se uma criatura amedrontadora.

O Mundo Hwew-wa (M8)

Uma vez um pássaro *Kuya* e Idn Kamni foram juntos através de um tronco oco de árvore para o mundo de *Hwew-wa.* Estava escuro lá embaixo — eles queimaram pedaços de madeira para iluminar seu caminho. Kuya disse a Idn Kamni que matasse um lagarto, eles nada tinham para comer. Idn Kamni andou até que encontrou um lagarto mas ele era grande, do tamanho de um jacaré. Ele voltou sem matá-lo e o disse a Kuya.

"Está bem; vá e mate-o", disse-lhe Kuya.

Idn Kamni voltou e matou o enorme lagarto, e eles o comeram.

Quando eles tinham comido, Kuya saiu um pouco para dormir. Daí a pouco, Idn Kamni veio olhar. O Kuya dormia com suas pálpebras viradas para o avesso e Idn Kamni viu que ele tinha medo. Ele pensou que o pássaro Kuya tinha-se tornado uma Sombra (nemep). Ele subiu numa árvore e ficou lá, mesmo quando o pássaro Kuya acordou.

"O que você está fazendo aí em cima? Desça", disse o Kuya.

"Não, você é uma nemep e você vai me devorar", respondeu Idn Kamni, e não se moveu da sua árvore. O Kuya tentou persuadi-lo a descer, mas ele não o fez. Por fim, o Kuya foi embora e então Idn Kamni desceu.

Idn Kamni chegou a um rio e lá ele encontrou muitas pessoas Hwew-wa tomando banho. O rio era de gordura e quente, e corria em sentido contrário ao normal. As pessoal Hwew-wa foram muito

amáveis. Elas riam muito. Ele juntou-se a elas e entre elas estava uma moça que ele tomou como sua esposa.

Fazia tempo que ele tinha ido. Sua mãe sentou-se embaixo de uma árvore hwew aqui neste mundo, esperando por ele. Ela chorava e esperava. Havia duas frutas sobrando na árvore hwew e depois de três dias elas caíram. Eram seu filho e sua esposa hwew-wa. Sua mãe levou-os para a casa dela, e lá ele e sua esposa lavaram a graxa amarela dos seus corpos no rio.

Hemep-wa — Sombras

Eles costumavam ser pessoas de cabelos pretos com corpos como os das pessoas comuns, e costumavam viver no mesmo mundo que as pessoas. Todavia, comiam pessoas. Assim, Idn Kamni jogou-as onde estão agora. Mas hoje elas ainda vêm a este mundo, na forma de sombras sem corpo, para comer gente. São sempre ouvidas estalando os lábios e rindo na floresta. Podem assumir formas físicas de monstros tais como o tamanduá gigante, tigre, preguiça, opossum, borboleta Morpho e também certos sapos, lagartos e cobras na lua minguante. As Sombras são capazes de espionar este mundo através de uma cabeça de onça que elas têm lá embaixo.

Enquanto se diz que são freqüentemente ouvidas na floresta — particularmente para desencorajar as crianças que devem ficar em casa — elas não parecem limitar as atividades dos adultos. Os Maku caçam e pescam sozinhos de noite, diferentemente dos índios do rio que se trancam à noite de medo destas Sombras e de outros perigos.

Idn Kamni e os Nemep-wa (M9)

Depois do fogo havia o clã dos Nemep-wa. Eles viviam na casa dos seus irmãos mais jovens. Eles comiam gente. "Isso não é bom", disse o irmão mais jovem de Idn Kamni, quando ele lhe deu as notícias uma manhã.

Assim eles saíram para a casa dos Nemep-wa e imediatamente um Nemep chegou perto de Idn Kamni e quis comê-lo. "Eu sou humano, você não me pode comer. Eu sei tudo sobre esta floresta e este mundo", disse Idn Kamni. O Nemep recuou, amedrontado. Idn Kamni e seu irmão entraram na casa.

Idn Kamni estendeu uma cabaça aos Nemep-wa. Enquanto eles vinham pegá-la ele cavou e os jogou dentro de um buraco, abaixo do rio da gente da fruta Hwew, abaixo desta terra.

A avó dos Nemep-wa sentou-se lá comendo *budn* [48] fruta. Aquela fruta não era conhecida antes disso.

"Vovó, o que você está comendo?" perguntou Idn Kamni.

"É fruta budn que eu estou comendo."

Quando ela disse isso, os Nemep-wa começaram a voltar de dentro do buraco. Mas Idn Kamni depressa cuspiu no chão e os Nemep-wa desapareceram deixando somente suas sombras. Eles fugiram correndo para a floresta. Idn Kamni e seu irmão correram tentando apanhá-los mas não puderam. Eram sombras sem corpos, como fumaça.

Algumas vezes os Nemep-wa ainda sobem para vaguear na floresta, para satisfazer sua fome de carne e sangue.

Espaço

O ecosistema em que vivem os Maku é muito diferenciado ao longo de um eixo vertical. Diversas espécies e categorias de alimentos são agrupados de acordo com a camada ecológica da floresta que forma seu habitat. O aspecto horizontal do ecossistema mostra diferenciação da vida das plantas e dos animais.

Em termos de navegação e conceitualização da direção, a mesma ênfase é posta sobre as relações verticais pelos Maku. A orientação horizontal é reconhecida principalmente em termos de rio acima e rio abaixo; no plano horizontal desta terra em que vivem os humanos, o sol nasce rio abaixo e se põe rio acima, e o que os brancos distinguiriam como 'norte' e 'sul' estão incluídos no mesmo termo Maku *tsuk yapa bu,* que significa, mais ou menos, "beira" ou "fim". Somente através da orientação geral da desembocadura Noroeste do Amazonas (que, apesar das curvas e voltas dos seus córregos e rios, segue um curso geral Sudeste) é que a conceitualização generalizada de rio acima (hababu) e rio abaixo (huwabu) reproduz absolutamente os pontos cardeais estabelecidos pela rota do sol.

A predominância das referentes verticais logo se torna aparente na descrição do movimento direcional e da navegação através da floresta. Um Maku pode descrever a outro uma longa viagem circular através da floresta, durando vários dias, usando apenas as referentes verticais de acima e abaixo, fazendo referências a mudanças locais de vegetação, mas sem nenhuma necessidade de in-

---

[48] É uma fruta grande que pode ser armazenada embaixo da terra por meses antes de ser comida.

troduzir qualquer noção de pontos cardeais ou outras referências. Além disso, há muito poucas situações ou contextos em que uma pessoa deva dizer em língua Bara Maku "eu vim" ou "eu fui" sem achar necessário incluir um prefixo direcional vertical que indique "eu subi" ou "eu desci".

Isto não quer dizer que não haja referentes horizontais na cosmologia Maku. Os Maku distinguem o lado Esquerdo do corpo do lado Direito, e o sentar ou o ficar de pé nos rituais e cerimonias também refletem uma distinção Direita/Esquerda. A diferenciação da Esquerda e Direita tem um significado em termos de atributos e características; os Maku dizem que a mão direita tem força e conhecimento, enquanto a esquerda é fraca e desajeitada. Entre os Maku que eu conheci, somente um homem tinha a habilidade de disparar armas com a mão esquerda; foi uma coisa que ele aprendeu num acampamento de seringueiros, e era sempre comentada pelos seus companheiros. A palavra Direita em Maku é yubup-man, que poderia bem ser traduzida como 'o lado certo', enquanto a palavra usada para Esquerda é 'wai-man', 'o lado de puxar'. Esta concepção de Esquerda e Direita parece ser altamente simbólica e não pode ser usada para direção. Nunca ouvi ninguém usar estes termos como referência à direção ou movimento como em 'olhe à esquerda' ou 'vire à direita'; dir-se-ia "olhe para cima" ou "vire para baixo".

Esta experiência predominantemente vertical de espaço e direção nesta terra está refletida na concepção verticalmente organizada ou diferenciada do cosmos.

Contudo, há também outros contextos em que se faz uso expressivo da distinção acima|abaixo.

Um destes contextos é a expressão de relação assimétrica de status. Neste sentido, os Maku fazem uso semelhante de um modelo acima|abaixo como fazem os de língua européia; para expressar superioridade por idade ou relações etárias dentro de um grupo de siblings, um Maku diria, "A Cabeça é assim, assim, abaixo dele é assim, assim, abaixo dele é ... e a cauda é assim e assim e no fundo é assim, assim." Semelhantemente, as relações de status entre indivíduos não aparentados ou grupos tribais são expressos em termos de acima e abaixo.

Tempo

Ao considerar a experiência e a conceitualização Maku sobre o tempo, vale a pena ter em mente dois pontos.

Primeiro, a língua Bara Maku usa os números apenas de um a cinco (tei-tsa, uma mão). Depois disso, é possível expressar dez (tei-tsa bedn, todas (ambas) as mãos), quinze (tei-tsa bedn bik hi-tsa, todas as mãos e um pé) e vinte (tei-tsa bedn hi-tsa bedn, todas as mãos e todos os pés). Estes modos de expressar os números acima de cinco só são usadas com maior freqüência como aproximações, mas freqüentemente basta dizer 'muitos' (dawa) e alongar os sons vogais para expressar o grau de pluralidade (dawaaaaaaaaaa!).

Os Maku não têm registro quantitativo da sua idade ou dos ciclos recorrentes naturais sobre ela. Os acontecimentos podem ser localizados no passado por marcos como o nascimento, o crescimento e a morte de parentes: "Quando meu primeiro filho era do tamanho daquele meu neto, nós viemos para este lugar..."

Em segundo lugar, a Criação deste mundo teve lugar não muito antes do ápice das genealogias conhecidas por certos homens, que raramente se reportam a mais de 5 ou 6 gerações anteriores. E não somente a Criação é bastante recente — é também apenas uma Criação em um longo ciclo de criações. Houve outras Criações anteriores desconhecidas; a Criação anterior à atual foi queimada por um grande fogo que veio do Rio Abaixo.

Uma primeira experiência e preocupação com o tempo se encontra nos ciclos diários e sazonais de mudanças no ecossistema. Além do marcador diário do sol e sua contrapartida noturna, a lua, cujas posições podem ser relacionadas com a marcação do tempo, há também muitas variações no comportamento dos animais — particularmente nos sons que fazem — que também podem ser usados como marcadores de tempo. Em maior escala, qualquer aspecto da interrelação regular geral entre vários ciclos ecológicos diferentes pode ser usado para determinar o tempo.

Proximamente associados com o surgimento e desaparecimento sazonal das constelações estão as correlações regulares com a maturação das plantas e de certas árvores frutíferas, com os ciclos reprodutivos e alimentares de peixes e caça, com aumentos e diminuições da precipitação de chuvas e a altura do rio. Todas estas mudanças sazonais determinam as atividades de subsistência dos Maku e também algumas das suas atividades sociais. (No gráfico D está apresentado um sumário de todas estas várias linhas do ciclo sazonal.)

Talvez o aspecto mais importante da experiência Maku com o tempo seja a de que o tempo pode ser anulado. Em outras palavras, um indivíduo não está trancado num decorrer linear do tempo. Nos sonhos, o indivíduo ordinário Maku, involuntariamente viaja em

forma de espírito até um futuro próximo e um passado recente. Um xamã leva isso mais longe; ele deliberada e conscientemente viaja longe no passado e no futuro para ver a causa das doenças e infelicidades e para controlar seu curso. Esta mobilidade dentro do tempo é acompanhada de uma mobilidade semelhante no espaço.

Uma terceira situação na qual o tempo é anulado é na celebração coletiva da dança e cantos em que se toma *kapi*. Enquanto eu realizei só duas observações diretas destes fatos entre os Maku, de acordo com o testemunho de outros etnógrafos na região (Reichel-Dolmatoff 1971, 173, 174; Goldman 1963, 191 e S.S. Hugh Jones, Comunicação pessoal), tais ocasiões transformam temporariamente os participantes nos primeiros seres, que presenciaram e foram fruto da Criação.

Morte e Vida

nas Plantas, Monstros, Caça e Homens

Plantas

Assim como fazem parte em grande proporção do meio ambiente físico, as árvores e as plantas desempenham um grande papel no bem-estar das pessoas e dos animais.

Há as árvores e plantas que dão comida às pessoas; a maioria delas são também fontes de alimentos para os animais de Caça. Outras plantas são comidas só pelos animais — e aqui pode-se ver que as categorias de alimentos das pessoas são transpostas para sistematizar as fontes de alimentos dos animais. Por exemplo, certas plantas que não são comestíveis pelos humanos são conhecidas como 'mandioca de tapir' ou 'comida doce dos macacos guaribas' etc.

Então, além das várias árvores e plantas e suas partes que são a fonte de materiais para produções tecnológicas, há muitas plantas que têm propriedades que podem afetar a saúde humana e animal e a consciência espiritual. Entre estas estão todas as plantas selvagens cultivadas que se tornam ingredientes de bebidas fermentadas, fumo, veneno de caça, venenos usados contra as pessoas, plantas que têm poder curativo ou purificador quando preparadas e tomadas pelas pessoas, plantas que conferem sucesso na busca de certos animais de Caça para o caçador e plantas que dão várias formas de proteção a quem a usa. [49]

---

[49] Está em fase de preparação um estudo da etno-farmacologia dos Maku e seu contexto cultural. Uma grande coleção de drogas Maku está recebendo classificação taxonômica no Museu de Botânica de Harvard, sob

Aqui seria apropriado fazer uma breve menção de duas plantas particulares que são da maior importância na realização e manipulação da consciência espiritual no Noroeste do Amazonas.

Existe o rapé *tsu-nem* que é feito com seiva da casca de dentro de algumas das várias espécies da árvore *Virola*. Este rapé é usado pelos xamãs e seus noviços e aprendizes para capacitar seus espíritos a viajar fora dos seus corpos e a perceber os vários níveis e domínios no Universo e seus habitantes. Além do seu uso como ajuda de ensino para os noviços, o rapé é usado pelos xamãs que o tomam sozinhos e longe de situações sociais e domésticas. As percepções e poderes que o rapé dá a quem o usa são freqüentemente canalizados para a realização de um rito de cura de uma pessoa doente, ou para infligir doença e morte a um inimigo. Os referentes cósmicos desta droga são verticais — comunicação com outros níveis do cosmos e viagem no passado e no futuro; mas também nas suas relações com as pessoas nesta terra o rapé concede poder de vida e morte sobre parentes, clientes e inimigos.

Outra droga é preparada como bebida da casca de cipó cultivado da espécie *bannisteriopsis*. Esta droga *kaapi* tem um conjunto de referentes que a distinguem muito claramente do cheiro tsu-nem, quase que ao ponto de oposição. O *kaapi* é bebido por todos os homens, jovens e adultos, em certas trocas e danças cerimoniais mantidas entre os grupos locais e 'tribos' discretas. Todos os homens tomam a droga no contexto de um rito cerimonial e social. Então todos os presentes se unem num canto-dança no qual se juntam um ao outro de todas as maneiras; contato físico, passos de dança, melodia, ritmo e canto. O canto-dança continua pela noite a dentro, e nos vários cantos e diálogos cerimoniais que inclui, os objetos da celebração são a criação e a ordenação original da humanidade, o relacionamento entre anfitriões e hóspedes, o ambiente natural das plantas, caça e peixes. Nenhum homem presente deveria se abster da droga ou declinar de unir-se ao canto-dança, a menos que esteja doente.

Certamente estas duas plantas, kaapi e tsu-nem e também muitas outras cujas propriedades afetam a saúde humana têm espíritos. É possível que todas as plantas tenham espírito; mas desde que o aspecto espiritual de qualquer planta é chamado pela mesma palavra que seu aspecto físico, não é aconselhável tentar separar estes aspectos analiticamente.

---

a direcão do Dr. R. E. Schultes, e a análise gas-espectométrica dos princípios ativos no Instituto Karolinska, na Suécia, sob a direção do Dr. Bo Holmstedt. Amostras da tsu-nem dos Bara-Maku são classificadas como *Vierola Elongata* in Schultes e Holmstedt.

A existência do espírito no mundo das plantas esteve óbvia em certas doutrinas orais que descrevem eventuais encontros entre Idn Kamni e as Árvores; infelizmente não pude gravar ou compreender completamente esta narrativa na única vez em que a ouvi. Daí, no momento, nada mais pode ser dito sobre os espíritos das árvores.

Todas as plantas se distinguem por terem diferenças em suas partes; centro, seiva, raiz, folha, galho e casca. Uma distinção importante sempre feita em qualquer uso simbólico ou analógico das propriedades das plantas, é a diferença entre as árvores de exterior duro e centros moles e as que têm exteriores moles e centros duros. Ao fazer um feitiço e em cantos mágicos, os atributos das plantas específicas são recitados e enfatizados, de modo que seu relacionamento analógico à situação sobre que devem atuar possa ser claro.

O crescimento e a regeneração das plantas é visto como cíclico; em um desenho, Hita mostra como cada uma de três diferentes árvores surge do seu fruto particular ou semente, sentada no solo abaixo dela.

Uma planta jovem ou viva, é descrita como *hap,* o mesmo termo que se usa para descrever carne crua. Quando uma árvore morre e seca sua seiva, ela é *te'ni* uma palavra que também descreve o estado da carne que foi cozida. Neste estado, ela pode ser queimada. As mesmas categorias hap e te'ni também são usadas para distinguir frutas que estão muito jovens para serem comidas das que estão suficientemente maduras para ser comidas.

Finalmente, todas as árvores que produzem frutas silvestres comidas pelo homem partilham uma propriedade conhecida como *elu.* Enquanto um termo como 'poder de fruta' ou 'essência de fruta' poderia convir a alguns dos aspectos do *elu* é melhor deixar a palavra sem tradução até que sua relação com a saúde das pessoas tenha sido elucidada. No momento, é bastante dizer que todos os humanos podem ter *elu* colocado sobre eles de modo a que cresçam fortes e a que o protejam da doença.

Monstros

Esta categoria de Monstros (yehep-wa) já foi detalhada acima (ver pág. 213). A mais distintiva característica dos Monstros é de que são predadores e carnívoros e suas presas são animais de caça e gente. Como os animais de caça e as pessoas, os Monstros se compõem de carne e sangue; mas porque sua comida é carne crua e sangue, os Monstros não são alimentos recomendáveis para os humanos. Cada parte deles, e especialmente seu sangue, contém *tsa'litna,* um poder que de é várias maneiras relacionado com o calor.

Há mais dois atributos dos Monstros que são importantes. Primeiro, diferentemente dos animais de caça, os Monstros só podem se regenerar através da reprodução sexual. Os Monstros não têm espírito e consequentemente não tem vida após a morte. Quando uma onça ou uma cobra são caçados ou morrem, se perdem, se acabam. Só o produto da sua espécie tomará seu lugar quando ele morrer. Este atributo, em parte, é também dos humanos. Ao morrer, alguns velhos xamãs malevolentes não sobem a Idn Kamni na vida depois da morte; seus espíritos permanecem neste mundo como onças.

Segundo, as Sombras (nemep-wa), xamãs humanos (hiwabe-wa — velhas onças) e o Dono de Caça (aka-na) todos podem tomar a forma de qualquer um dos Monstros para efetuar sua vontade. Um xamã ou uma Sombra que tomar a forma de uma onça não pode ser morto ou conquistado pelos meios normais com que podem ser mortos animais de caça e Monstros. Quando um homem encontra um xamã 'vestindo roupas de Monstro', na melhor das hipóteses ele pode salvar sua vida; qualquer tentativa de matar o xamã seria infrutífera e muito perigosa. Além disso, quando um homem encontra um xamã, Sombra ou Dono de Caça na forma de Monstro, é muito provável que este o tenha procurado. Se o homem não é devorado no ato, é possível que uma espinha, cristal ou tufo de cabelo tenha sido colocado no seu espírito; em tempo hábil este objeto o adoecerá e ele morrerá.

As origens míticas das várias formas de Monstros mostram uma associação aproximada entre a concepção Maku do incesto, 'comer a si mesmo' *mik hemp wa*, com comportamento agressivo e carnívoro.

As onças são vomitadas por uma mulher que comeu seu pai, o Tamanduá Gigante (M3). As tocandiras são criadas pela Velha Mulher Veado misturando seu cuspe com seus cabelos púbicos (M4). As cobras e aranhas são produto da cópula de *Buk* com a mulher Fruta de Idn Kamni (M5); os sapos resultam da cópula dos Urubus com a Mulher Cotia, a mulher-animal-de-caça de Idn Kamni (M6).

Esta associação é confirmada pela observação, feita pelos Maku, de que a categoria de Monstros inclui todos os animais que se sabe que atacam e devoram sua própria espécie.

Animais de Caça

No encontro com as onças, Idn Kamni estabelece a categoria de "Caça" quando prepara sua prestação de carne para as Onças. Mais tarde ele também cria porcos, para testar a arma emprestada

pelo Trovão; e quando ele os destrói também os recria com feitiço (M4).

Como vimos, os animais de caça se multiplicam por reprodução sexual tanto nas florestas como nas Casas de Caça. São liberados das Casas de Caça sempre que há chuvas e águas altas. Outras liberações podem ser barganhadas com o Dono da Caça por certos xamãs; alguns xamãs muito poderosos são capazes de fechar uma Casa de Caça juntos, ou ainda de alterar a distribuição espacial da rede de pelo de macaco, assim controlando a presença ou a ausência de caça em certas partes da floresta.

Os animais de Caça não têm espíritos ou almas, mas, diferentemente dos Monstros, não se perdem quando são mortos. Quando um caçador mata macacos ou pássaros, por exemplo, ele deixa cair uma pena ou um tufo de pelo na floresta e daí outro animal de caça, como o primeiro, se regenerará. Alguns homens disseram que este germinaria do tufo de pelo ou da pena, crescendo como o animal inteiro; outros sustentaram que para cada um morto deixando-se um pedacinho dele na floresta, outro animal semelhante seria liberado da Casa de Caça para substituí-lo.

Há um terceiro modo como os animais de caça na floresta podem se substituídos. Ao fim de cada mês, quando não há lua, certos velhos caçadores chamam na floresta, de noite, todos os animais de caça e peixes, tomando uma espécie de cada vez; por exemplo, no caso dos tapira, o velho caçador chama "Todos vocês, antas da Criação, já acabaram?" Os que permanecem respondem, cada um no seu modo característico, e nos dias que se seguem, todos os animais que responderam são abundantes. Só quando não há resposta, um xamã pode fazer uma viagem em forma de espírito à Casa de Caça.

Como qualquer carne que contenha sangue, a carne dos animais de caça contém tsa'litna, um elemento de "calor" que será explicado depois. Animais como termitas, formigas e camarões de água doce podem ser comidos crus porque, como os Maku apontam frequentemente, eles não têm sangue.

Várias maneiras de cozer a carne elimina o tsa'litna em grau maior ou menor. Cozer a carne na água é reduzir a quantidade de tsa'litna no que pode ser considerado seguro para qualquer homem, mulher ou criança em seu estado normal de saúde. Uma secagem longa e lenta num jirau acima de um fogo é quase, mas não completamente, tão efetivo quanto a fervura; mas assar carne de caça e peixe sobre o fogo só é considerado adequado quando não houver alternativa, e aconselha-se que essa carne não seja comida com freqüência. Carne assada retém uma proporção de tsa'litna que

pode ser prejudicial — isto depende do estado espiritual do homem que a comer.

Os animais de caça vivem principalmente de frutos silvestres, raízes, caça e folhas; o grau de tsa'litna que tem um animal, está relacionada em parte ao tamanho do seu corpo, mas também suas fontes habituais de comida. Assim, o tamanduá é considerado comestível por alguns — desde que cuidadosamente cozido — porque apesar de comer carne sob a forma de formigas, sua comida não contém sangue. O porco do mato é principalmente herbívoro, mas come minhocas, cobras, filhotes de pássaros, peixes presos em armadilhas e carcaças. Além disso, é um animal relativamente grande, que assim, tem um grau maior de tsa'litna do que um inhambu, que é muito pequeno e só come os frutos silvestres também consumidos pelos homens. A carne dos inhambus é apropriada para quem está doente, enquanto a carne do porco do mato não é.

Os Monstros, que se alimentam de carne e sangue, são tão fortes em tsa'litna que nenhuma fervura ou cozimento os tornará passíveis de ser comidos.

Gente

Como aprendemos na narrativa da Criação, as pessoas foram feitas por Idn Kamni, combinando seu cuspe com um pouco de terra, unindo assim espírito e corpo. No momento da morte, o espírito humano mora no domínio de além-túmulo de Idn Kamni; o corpo humano também volta através do enterro à terra de onde veio.

O espírito é kaw-li e reside no peito — é o coração e também o que respira em nós, empurrando e puxando nossos pulmões sem nossa vontade consciente.

O espírito pode deixar o corpo e viajar tanto no espaço quanto no tempo. Em sonhos, o espírito pode viajar no futuro próximo ou no passado recente. Mas estas viagens em sonhos, que são experimentadas por todos os humanos, não são sempre o que parecem, e assim podem ser interpretadas de várias maneiras. No pensamento geral, matar um homem em sonho significa que, num futuro próximo, acordado, você matará um animal de caça; sonhar com muitos animais de caça — um rebanho de porcos do mato, por exemplo — preconiza a chegada de muitos visitantes. Matar um animal de caça em sonho significa que ou você já efetuou em espírito um ataque contra o espírito de algum ser humano, ou que em futuro próximo você, ao acordar, empreenderá ataque físico contra um

semelhante seu. Sonhar com intercurso sexual com um parceiro humano é sinal certo de doença iminente; sonhar que se está sendo mordido por cobra ou maltratado por uma onça é ter sofrido em espírito um ataque feito por um xamã ou feiticeiro malévolo cujo espírito assumiu a forma de um monstro com aquele objetivo.

Um xamã é aquele que treina seu espírito para explorar as muitas dimensões e níveis do universo que não são percebidos pelo homem comum em estado de vigília. O xamã é capaz de viajar em forma de espírito ou assumir o disfarce de qualquer monstro que se adapte aos seus objetivos. Ele viaja em sonhos como os outros homens, mas ele sabe onde está e o que está fazendo todo o tempo — vê as coisas como elas realmente são. Ao despertar, um xamã também pode viajar com seu espírito, seja pelo uso do rapé tsu-nem ou ainda sentando-se e liberando seu espírito pela contemplação. Um xamã não só aprende como alcançar e encontrar seu caminho no mundo espiritual, mas também adquire conhecimento e poder que o capacitam a influenciar as vidas e os negócios das pessoas no mundo da vigília.

A presença do espírito no corpo humano pode crescer e diminuir de força com a boa saúde e a doença; a saúde do corpo é em parte uma função dos tipos e quantidades de alimentos que são ingeridos, e dos ciclos biológicos do corpo. Mas também a saúde física e crescimento dependem do estado do *elu* que alimenta e protege cada indivíduo.

Antes de prosseguir na discussão deste *elu* e das forças da doença, *dole,* que trabalham contra ele, é necessário rever brevemente o padrão básico da dieta humana e seu relacionamento com as fases biológicas do ciclo de vida. Normalmente, um adulto humano sadio pode comer carne e peixe cozidos e defumados e eventualmente assados; carne cozida e peixe são comidos com beiju ou farinha e são aguados com bebidas quentes preparadas com mandioca. Comidas doces, seja cultivadas em hortas, como bananas e abacaxis ou frutos silvestres, são suplementos agradáveis e freqüentes nesta dieta básica. As várias crises do ciclo de vida e atividades especiais que requerem um abandono desta dieta estão resumidas num Gráfico.

O *rationale* para este padrão de restrições especiais de comida e os ritos associados se tornam claros quando voltamos à energia tsa'litna que está presente em toda carne e sangue humanos e de animais, e sua contra-energia kama'litna que é uma propriedade de todas as frutas silvestres comestíveis e alguns alimentos cultivados.

Um atributo geral de certos alimentos é *numni* que poderia ser traduzido como 'doce'. *Numni* pode ser usado como uma cate-

goria; uma pessoa pode dizer 'Não estou comendo doces (comidas)', *numni-di wa-hemp kan pabu.* Isto significa que a pessoa está evitando comidas como milho, abacaxis, bananas e bebidas não fermentadas de mandioca. Todas estas comidas são nutritivas e seguras e podem ser comidas por crianças e pessoas doentes; estes alimentos são comumente evitados por um caçador que esteja preparando seu veneno de caça.

Numni é usado para descrever a cerveja de mandioca que não fermentou direito e que não tem o poder de intoxicar; do mesmo modo, *numni* é usado para descrever cigarros dos homens brancos que não são tão fortes quanto o tabaco cultivado pelos índios. Na cura dos feitiços, que será discutida abaixo, a invocação final se chama *kama'litna* que se poderia traduzir como 'resfriador' — invoca os poderes do Rio do Leite por seus atributos frios e doces.

Todas as comidas da categoria *numni,* que são bem caracterizadas pelo leite materno, têm a propriedade de kama'litna — refrescam o espírito. A palavra *kama'litna* se deriva diretamente da raiz *kama'na* que significa refrescar.

O poder *tsa'litna* é diretamente oposto a *kama'litna;* a palavra se deriva diretamente da raiz *tsa'na* que significa aquecer, por exemplo, botando um objeto ao sol ou acima de um fogo.

Tsa'litna é, como vimos, uma propriedade de toda a carne e sangue. Nos peixes ela se encontra não só no sangue mas também na gordura, nas escamas e no couro. Nos animais, *tsa'litna* se apresenta em quaisquer depósitos de gordura, na carcaça assim como no sangue.

Tsa'litna está também presente nos raios do sol e no sangue do sol.

Tsa'litna é o princípio ativo da doença, presente nos objetos patogênicos mandados por feiticeiros e xamãs malevolentes — tem o efeito de secar o sangue das vítimas até que ela esteja *te'ni,* um estado também próprio da madeira morta e seca o bastante para queimar, da carne cozida, do fumo curado e dos frutos silvestres suficientemente maduros para serem comidos. A alma da vítima se torna fraca, seu corpo definha e morre.

Com esta compreensão de forças complementares e opostas, *kama'litna* e *tsa'litna,* o padrão subjacente às restrições alimentares especiais, os ritos e evitações sumarizados no Quadro X ficam claros. O nascimento, a paternidade, a menstruação, a iniciação dos homens jovens e a doença, todos têm em comum uma série de características; nestes momentos o indivíduo de certo modo ingeriu ou liberou dentro de si mesmo um excesso de *tsa'litna.* Neste estado, o indivíduo

corre o perigo de ser presa de um Monstro ou de um ser malévolo sob o disfarce de Monstro. Como já vimos, os Monstros estão tipificados como tendo carne crua e sangue por alimento; os Monstros se alimentam de *tsa'litna* e conseqüentemente de qualquer ser especialmente carregado dela.

Para se contrapor aos efeitos secantes fatais da *tsa'litna* no corpo e no espírito, e para remover a perigosa atração que ela tem para os Monstros, um indivíduo nestas condições deve comer coisas doces (*numni*) e deve evitar sentar-se perto do fogo ou de qualquer fonte de calor. Tomar banho em água fria, evitar a luz direta do sol e receber fórmulas curativas que aplicam *kama'litna* e invocam o Rio do Leite são todos imperativos para as pessoas sobrecarregadas de *tsa'litna*.

Conversamente, um caçador que esteja preparando veneno de caça deve evitar a ingestão de coisas doces (*numni*) se quer que seu veneno seja potente. A potência do veneno depende da força da *tsa'litna* que é infligida ao corpo dos animais de caça; qualquer influência de *kama'litna* tornaria o veneno inútil.

A causa de doença e de morte é um assunto que será abordado mais adiante. Aqui, tendo entendido as relações de *tsa'litna* e da *kama'litna* com o corpo e o espírito humanos, podemos voltar às forças *elu*, propriedades dos frutos silvestres, e *dole*, doença, que funciona contra elas.

Elu é uma substância fofa e branca visível apenas aos olhos do espírito. *Elu* se origina dos frutos da floresta; é como uma nuvem branca, como uma bola de penugem da barriga de um pato, como o algodão selvagem que se amarra como um chumaço na base de uma seta.

Os humanos nascem sem *elu*. Logo depois de uma criança aprender a falar, é tempo de botar *elu* nele. Ao mesmo tempo, a criança recebe o nome do seu clã ancestral. Os velhos, não necessariamente xamãs, cantam a Criação e a distribuição e a ordem dos homens, plantas e animais quando foram criados. Então um canto ou uma fórmula mágica são cantados, um com o objetivo específico de atribuir *elu* e todas as suas qualidades à criança. Finalmente, dá-se um pouco de caldo de cana ou cerveja muito doce à criança e na ocasião, ela recebe o nome do seu clã.

Elu me foi explicado de várias maneiras; quando um homem adoece, seu *elu* vai embora — o xamã deve não somente remover a causa da doença e contrarrestar a *tsa'litna*, mas também renovar a capa protetora de *elu* que deveria envolver cada indivíduo sadio. *Elu* é de todas as frutas, torna forte o espírito de uma criança; sem

elu as crianças enfraquecem, adoecem e eventualmente morrem. Minha compreensão do *elu* foi muito ajudada pela consideração de analogias pelas quais os Maku m'o explicaram. *Elu* é como uma nuvem branca e fofa — fica entre a vida das plantas e animais desta terra, e o calor do sol. Se não houvesse nuvens, a floresta secaria e morreria. *Elu* é como o chumaço de algodão de uma seta; é a sede do poder e assegura um vôo direto e certeiro.

Conclusão

Neste capítulo, a Cosmologia Maku foi apresentada a partir de material que inclui doutrinas orais da Criação, análises sobre a estrutura do Cosmos que surgem da observação do comportamento humano com relação a comida e sexo. Antes de continuar a concluir, desejo esclarecer que restam muitas áreas das atividades culturais dos Maku cujo conteúdo eu nunca consegui entender; houve também vários cerimoniais rituais e xamânicos que nunca observei, apesar de ter ouvido menção sobre eles.

Entre os primeiros estavam diálogos cerimoniais usados para saudar visitantes, diálogos cerimoniais apropriados de várias festividades de grupo e trocas formais. Também nunca pude encontrar um Maku que pudesse parafrasear ou traduzir o conteúdo dos cânticos entoados durante os rituais de dança. Os Maku diziam que não sabiam ou, freqüentemente, que eles não tinham significado, mas eram apenas palavras para cantar e dançar. Eu não vi nenhuma celebração completa dos rituais dos instrumentos sagrados, e as restrições rituais associadas. Não somente os Maku mas todos os índios da área concordaram que suas atividades rituais e cerimoniais não eram feitas desde a sua supressão pelos missionários. Somente os homens e as mulheres mais velhos tinham sido testemunhas participantes, e poucos deles tinham, na época da supressão, suficiente entendimento destas atividades para se sentir em condições de explicá-las hoje.

Com respeito às práticas xamânicas, ou poucos feitiços que me ensinaram, foram-me dados na condição de não os revelar, e muitos outros feitiços e rituais relacionados com bruxaria curativa e malevolente nunca me foram inteiramente explicados.

Finalmente, apenas uma seleção dos mitos está apresentada aqui. O ciclo maior — a estória de Idn Kamni — está completamente representado — mas também há muitas outras estórias tradicionais que freqüentemente não retratam Idn Kamni. Estas estórias não formam nenhum conjunto imediato aparente, e à exceção de dois

mitos curtos que descrevem os habitantes do Mundo Inferior, não foram incluidas neste trabalho.

Não tenho a intenção de empreender uma análise exaustiva e detalhada da Criação e da Estória de Idn Kamni aqui. Lévi-Strauss (1967) mostrou que uma análise parcial de um resumo de duas páginas da Gesta de Asdiwal preencheu dezoito páginas. Portanto, selecionarei dos muitos elementos e níveis de significado contidos na doutrina oral, apenas os aspectos seguintes: a estrutura espacial e temporal do universo; as categorias essenciais de Seres no Universo; os ciclos de nascimento e morte e as correntes de alimento e energia.

O seguinte resumo analítico da doutrina oral chama a atenção para a evolução dos acontecimentos através destes parâmetros de premissas cosmológicas.

A doutrina oral pode ser dividida em três ciclos principais com vistas à análise; primeiramente a Criação, em segundo lugar a origem das Onças e suas brigas com Idn Kamni, e em terceiro, os esforços de Idn Kamni para encontrar uma esposa e procriar seu clã.

O primeiro grupo de mitos da Criação estabelece as polaridades fundamentais do Cosmos por uma exploração dos extremos. As Primeiras Pessoas só puderam comer e dormir depois de o Sol e a Água, o Dia e a Noite terem sido regulados por Idn Kamni. Assim como acontece com a experiência do Homem com *tsa'litna* e *kama'litna* nos dias de hoje, a primeira dificuldade com que se confrontaram as Primeiras Pessoas foi um excesso de luz do Sol, calor e secura. Isto foi contraposto com a derrubada da Árvore da Água e pelo surgimento da Noite, mas em cada caso a solução foi excessiva. Só quando os elementos foram moderados nas proporções certas, as Primeiras Pessoas puderam estabelecer uma existência humana (M1, M2a, M2b e M2c).

A chave para a evolução subseqüente nos outros dois grupos de mitos está na curta narrativa da origem das Onças. Eu mencionei antes que a Estória de Idn Kamni pode ser tomada como uma exploração de confusões de comportamento, com relação a comida e sexo; em termos lógicos, estas confusões começam aqui com o canibalismo incestuoso da filha do Tamanduá, que é enganada pelo marido e levada a comer seu próprio pai. Por conta deste incesto oral, a mulher dá à luz pela boca a todos os tipos de Onça. As Onças depressa devoram o marido que acha a lança do seu xamã inadequada para defender-se (M3).

Estes acontecimentos são inicialmente postos em paralelo no seguinte incidente onde as Onças, depois de devorar o clã de Idn Kamni, comem o próprio Idn Kamni. Mas uma Onça cospe alguns

pedaços de Idn Kamni depois de mastigá-los. Do rio, os pedaços vão, através das barrigas dos peixes, alcançar a cesta da Velha Mulher Veado, onde eles se desenvolvem em dois Idn Kamni. Finalmente, Idn Kamni descobre que uma vara de trovão do Trovão (aliado do xamã), é mais do que adequada para destruir as Onças. Desta maneira, o caos de Onças agressivas soltas por uma confusão inicial de comida e sexo fica resolvido (M4).

Mas as Onças devoraram todo o clã de Idn Kamni; Idn Kamni fica com um problema — encontrar um ser casável com quem as relações sexuais resultassem numa procriação apropriada do seu clã.

Nos dois episódios seguintes, Idn Kamni tenta estabelecer relações maritais com duas categorias da sua criação que as pessoas hoje vêem como comida. Suas intenções de copular com sua esposa Fruta e sua esposa Caça são frustradas pelo rapto delas e sua sedução por categorias particulares de Monstros. Estes Monstros têm relações sexuais com suas cativas; em cada caso, a cativa é uma categoria de ser que é o alimento daquele Monstro particular. Como nas confusões iniciais de comportamento com relação a comida e sexo (M3 e M4), o produto destas uniões aberrantes são mais Monstros na forma de cobras, aranhas e sapos (M5 e M6).

Uma solução para esta situação se apresenta no episódio final. Idn Kamni escolhe uma esposa humana; privado de consumar o casamento pelo adultério do seu irmão de clã, Idn Kamni não combateu seu rival. Em vez disso, ele se retira deste mundo; e com o fim desta era começa a idade atual da humanidade. O produto desta última união não são Monstros carnívoros e agressivos mas Frutos comestíveis (M7).

Aqui vale a pena relembrar os traços distintivos da organização social Maku.

Os grupos locais Maku são mais comumente formados em torno de afins co-residentes, homens que trocaram mulheres. Os irmãos e os agnatos raramente vivem juntos depois da adolescência — no casamento os seus caminhos se separam. Como competidores pelas mesmas mulheres casáveis, e não compartilhando objetivos sociais ou econômicos comuns que possam uní-los, irmãos e agnatos freqüentemente brigam e se mudam para longe uns dos outros. Por várias razões — das quais nem todas estão claras — os homens Maku experimentam uma severa escassez de mulheres casadouras (ver pág. 199). Encontrar uma esposa e ter filhos é uma meta fundamental da maioria dos homens Maku, e muitos deles nunca a alcançam.

Confrontado com o adultério de um irmão de clã com sua esposa humana, Idn Kamni não toma providências para se vingar, como nos episódios anteriores com os Monstros.

Idn Kamni vai-se embora, retirando-se desta Criação, que agora está completa. O próprio Idn Kamni se atém à instrução que deu a todas as Primeiras pessoas quando elas emergiram da Serpente-Canoa: *'Mik maw kabu a de-wa-di, a udn-wa-di tui mik wai kagn ababu'*. 'Tenham cuidado com a luta entre irmãos, pois irmãos cuidam um dos outros sempre'.

Assim, a evolução destes episódios poderia ser resumida — em um dos muitos aspectos — como explorando vários relacionamentos entre as categorias de Seres no cosmos e finalmente estabelecendo, através da lógica da tentativa e do erro, o padrão de relacionamento que a humanidade segue hoje.

Os Monstros — quer Onças, formigas mordedoras, aranhas ou cobras — são criados através de uniões sexuais incestuosas, que eles desagravam pela sua agressão. Quando eles são mortos ou destruídos, não voltam. Em contraste, Idn Kamni cria Animais de Caça soprando um feitiço em cestas feitas de folhas de palmeira. Quando Idn Kamni mata os Porcos, testando a arma dada pelo Trovão, ele também os recria depois de modo que eles não se percam. Estas diferenças de regeneração entre as várias categorias de Seres no mito se tornam claras quando colocadas dentro do quadro mais amplo das premissas Maku relativas a alimento e energia, vida e morte.

Nestes mitos, os atos recorrentes de transformação são comer, matar e copular. Antes de examinar a concepção Maku destes atos de transformação eu relembrarei o relacionamento entre os eixos espacial e temporal do Cosmos.

O Alto (Acima)

Todos os seres do Alto — Idn Kamni, o Trovão, as Estrelas e os Sanhaços, Tesourinhas e Urubus — são invisíveis nos seus domínios do céu e só se tornam visíveis quando descem para o mundo dos homens. Na época do mito que precedeu a sociedade humana do presente, existia a sociedade dos Pássaros, amigos e auxiliares de Idn Kamni. Hoje Idn Kamni se mantém invisível e não se conhece nenhuma aparição sua neste mundo. Algumas vezes ele é ouvido tocando o tambor do Trovão, mas nunca é visto. O tempo da sua permanência nesta Terra é o Passado, durante o qual ele

morreu e renasceu várias vezes. Agora ele permanece num limite de espaço e tempo, invisível e fora dos ciclos da vida e da morte.

As estrelas no mais alto do Alto são muito pequenas e estão muito longe. Elas só podem ser vistas de noite. Quando elas se movimentam mais perto deste mundo, e à medida que a estação que elas trazem se aproxima do presente, elas ficam visíveis ao anoitecer e de madrugada. Quando cada constelação alcança o presente temporal e espacial desta terra, torna-se visível aos homens durante o dia como um bando de pássaros de uma espécie particular. À medida que os Pássaros viajam através desta terra, a jusante, elas trazem sua estação até que sua jornada esteja completa. Então, tornando-se uma vez mais estrelas, elas recuam tanto no Tempo como no Espaço, até que são visíveis apenas no meio da noite no cimo do Cosmos. Assim, nem as Estrelas nem os Pássaros morrem ou desaparecem sem renascer e transformar-se.

Os Urubus — como todos os Monstros (*yehep-wa*) que são carnívoros — não renascem. Quando morrem, se acabam e só a reprodução sexual mantém sua presença. Associados à morte e à energia *tsa'litna* que caracteriza sua alimentação, eles são os mais baixos dos moradores do Alto. As Tesourinhas e os Sanhaços comem coisas mais próximas dos alimentos essencialmente *kama'litna* consumidos por Idn Kamni e os espíritos renascidos das pessoas mortas que acabam de renascer. Como Idn Kamni, eles estão fora dos ciclos de vida e morte.

O relacionamento espacial entre as Casas dos Animais de Caça no Alto, onde os Animais de Caça são regenerados como um útero, e sua liberação periódica nas estações chuvosas, quando eles descem para ser caçados nas estações secas deste mundo, mostra a mesma coincidência vertical dos eixos de Espaço e Tempo. Eles nascem e chegam à maturidade no Alto, invisíveis aos homens em estado de vigília. À medida que os Animais de Caça crescem, eles se mudam para baixo; quando eles são mortos e renascem, voltam para cima. É consistente que sua descida seja paga com fumaça de tabaco, que sobe.

Este Mundo — Aqui, Agora e Visível

Está claro que para os humanos os ciclos de nascimento e morte seguem a mesma coordenação do contínuo do Espaço e do Tempo. Na criação, Idn Kamni cuspiu (elemento do Alto) num pouco de terra (elemento do Abaixo) e nasceram as pessoas. Por ocasião da morte, seus corpos são devolvidos ao Abaixo através do

enterro, e seus espíritos voltam para o Alto, onde se tornam criancinhas de novo. A parte corporal do homem permanece ligada ao presente espacial e temporal desta terra — é só em espírito que ele pode deixar o presente e viajar para as extremidades do espaço e do tempo. Compativelmente com estas orientações, a principal distinção nas atividades xamânicas é entre práticas curativas e malevolentes. Um xamã que empreende uma viagem em espírito para efetuar uma cura, viaja para cima, para o Alto, onde ele pode procurar a assistência dos Tesourinhas, Pequenos Pássaros e do Trovão. Ele também viaja no passado para descobrir a causa e o agente da doença do seu paciente. Mas quando um xamã se determina a matar uma vítima ele toma a forma de, ou emprega Monstros e Sombras do Abaixo. Um xamã também viaja no futuro neste caso, para preparar uma armadilha para sua vítima. [50]

As árvores e plantas também têm um ciclo de regeneração que se move através das mesmas coordenadas de espaço e tempo que as estrelas, pássaros, humanos e animais de caça. Um quadro feito por Hita, mostra árvores saindo das suas sementes invisíveis abaixo da superfície da terra, crescendo e dando frutos nos seus topos — frutos que caem e levam a semente para debaixo da terra de novo.

A categoria dos Monstros — seres predatórios e carnívoros — estão concentrados nesta terra, no presente espacial e temporal. Mas há os Urubus que habitam as regiões mais baixas do Alto, e as Cobras nas regiões mais altas do Abaixo; conseqüentemente, parece apropriado dizer que os Monstros partilham o mesmo mundo que as pessoas, mas são mantidos separados por uma mobilidade maior no Espaço e no Tempo. Ao mesmo tempo, eles não renascem ao morrer mas se perdem; eles diferem de todos os outros seres do Cosmos que renascem ou formam-se outra coisa fora do ciclo da vida e da morte.

Os Monstros aumentam através da sua reprodução sexual, e pelos espíritos de velhos feiticeiros malevolentes que se unem às suas fileiras.

---

[50] Não se pode dizer que o poder do Trovão — localizado no Alto — possa ser usado apenas em xamanismo curativo, pois ele pode ser usado por um xamã para lançar um objeto patogênico dentro de sua vítima. Isto só poderia ser visto como um ato curativo no raro caso em que é feito por vingança, ou para suprimir um feiticeiro maldoso. Contudo, em apoio à generalização está o meio xamânico de matar que envolve a colaboração de "roupas de Sombras" (*nemep-yep*), um cinto apertado em volta da cintura, que causa à vítima a morte por dores de estômago.

O Abaixo

Abaixo do nível dos Humanos há os peixes dos rios e as cobras e outras criaturas que vivem em buracos no chão; na maioria do tempo eles permanecem invisíveis.

Mais abaixo está o mundo do povo da Fruta Umari, que ninguém jamais viu. Só é conhecido através de uma narrativa de viagem de Idn Kamni e suas aventuras sexuais lá. É concebido como um lugar de inversões e reversões: o que é grande fica pequeno, o Dia vira Noite, os rios frios que correm para Leste ficam quentes, gordurosos, e correm para Oeste. Quando as pessoas nesta terra comem frutas Umari, então os órgãos genitais do Povo da Fruta Umari ardem como se tivessem sido esfregados com pimenta. De todos os frutos da floresta, somente estes 'substituem' a carne. Eles são torrados e comidos com sal e pimenta. Abaixo do rio quente de graxa, vivem as Sombras; elas não têm corpo e são invisíveis. São totalmente carnívoras e predatórias, e se diz que vagueiam principalmente de noite, procurando qualquer tipo de carne e sangue para satisfazer sua fome.

Junto com o rio de gordura quente sob o qual eles vivem, o Povo Umari e as Sombras parecem ser a conceitualização de um extremo da energia *tsa'litna*. O Povo da Fruta Umari representa um extremo de sexualidade e fertilidade, enquanto as Sombras se comportam com sede de sangue indiscriminada. Localizados invisivelmente no fundo do Cosmos e caracterizando a energia *tsa'litna*, estes seres estão em oposição simétrica aos recém-nascidos habitantes do lugar de Idn Kamni, no alto do Cosmos, onde só se come alimentos essencialmente *kama'litna*.

Pode também ser verdade que as Sombras tenham nascido uma vez e nunca tenham morrido. Quando, após a Criação, as Sombras comeram gente nesta terra, Idn Kamni levou seus corpos e efetivamente os queimou vivos, atirando-os para baixo, para o mundo subterrâneo, sem matá-las.

As inversões que caracterizam o mundo Umari fazem lembrar as inversões de categorias nas interpretações dos sonhos dos Maku. Sonhar matando gente prediz matar caça; sonhar encontrando um rebanho de porcos significa que muitas visitas vão chegar.

Esta propriedade de inversão é comum ao Abaixo espacial e ao futuro temporal dos sonhos, mas está ausente de qualquer outra dimensão do Cosmos.

Da discussão que se segue, parece que há muito para sustentar a proposição de que os eixos espacial e temporal do Cosmos Maku

coincidem no sentido de que os Maku localizam sua presença espacial e temporal aqui e agora, como um meio de caminho no contínuo entre extremos que combinem o Alto e o Antes num polo e o Abaixo e o Depois noutro. Para o humano corporal e acordado, os seres cujos domínios estão mais próximos dos extremos do Tempo e do Espaço são invisíveis.

Também Idn Kamni e as Sombras que habitam os próprios extremos do Tempo e do Espaço estão fora dos ciclos regenerativos do Nascimento e da Morte. No Alto e no Antes, Idn Kamni não morre mais porque ele não nasceu mais, enquanto nas profundezas do Abaixo e do Depois as Sombras não renascem porque nunca morrem. A Criação emana de Idn Kamni, e a vida depois da morte dos recém nascidos cujo alimento é um extremo do *kama'litna;* a destruição e a agressão predatória vêm das Sombras do Abaixo na sua ânsia por carne e sangue, o locus do extremo *tsa'litna.*

No meio destes extremos de Tempo e Espaço estão os seres que vivem num ciclo de nascimento e morte; humanos, plantas, animais de caça e peixes. Cada um destes seres necessita do equilíbrio de alimentação apropriado à sua espécie, até que renasce depois da morte. Para os humanos é o espírito que passa da doença e da velhice na terra para a juventude e saúde no Alto; para os peixes e animais de caça, a morte é seguida da regeneração na forma corporal no Alto, a fim de voltar para esta terra.[51]

Mas antes de podermos chegar à conclusão que as duas formas de energia contrastantes e complementares — *tsa'litna* e *kama'litna* — apresentam uma polaridade que pode ser relacionada de modo útil, de qualquer maneira absoluta, aos eixos paralelos de Espaço e Tempo, há outras considerações que quero explorar.

Neste estudo dos Maku encontramos muitas oposições e conjuntos de oposições que significam de várias maneiras. Por exemplo, ao se distinguir caça no chão *molhado* e *seco,* isto pode significar *agora mesmo* e *há muito tempo,* respectivamente, quando não choveu recentemente; mas o contrário depois de uma chuvarada (ver pág. 212).

Na organização social classificatória de parentes em grupos *deiwa* e *bai'na* tem referentes nas extensões dos relacionamentos genealógicos e sociais com 'irmãos' e 'afins'. Este eixo de divisão é atravessado por sexo e idade e também por separações políticas e espaciais de grupos familiares, grupos locais e grupos regionais.

Na experiência cosmológica, há vários aglomerados de oposições

---

51 Os peixes sobem a correnteza para desovar em água alta. Deixam seus ovos na zona da enchente das cabeceiras na estação chuvosa.

aparentemente discretos. *Acima* e *Abaixo* são as orientações espaciais predominantemente significativas e também podem significar *mais velho / mais moço* e *primeiro / último;* todos estes também podem estar expressos na oposição entre *cabeça* e *cauda.*

Outro aglomerado de oposições que tem referências com o caráter humano claramente opõe uma cadeia (ver pág. 218) a outra:
rápido, forte, duro, estável, Direito
lento, fraco, mole, vacilante, Esquerdo

Na experiência Maku de correntes de energia e ciclos alimentares há circuitos opostos e complementares:
cru — carne — sangue — doença — *tsa'litna*
cozido — mandioca — fruta — *elu* — *kama'litna*
e muito do comportamento Maku é controlado para atingir um equilíbrio entre os dois.

Muitos "estruturalistas" acharam que tinham critérios suficientes da consciência coletiva do povo que estudam para reduzir todas as oposições que encontram a uma única dicotomia total ou dualismo.[52]

Acredito eu que o mecanismo do dualismo é uma premissa de cognição fundamental em todos os homens; não me parece que se possa dizer que qualquer cadeia semântica particular de dualismo atravesse consistentemente todas as oposições relevantes da experiência Maku, levando-as a uma única dicotomia.

Por exemplo, não acredito que estabelecer um esquema que reduz os eixos da cosmologia Maku a duas colunas representando algumas dicotomias abstratas simples de um modelo suficientemente sensitivo ou preciso. Um esquema como o que se segue:

kama'litna	*tsa'litna*
Acima	Abaixo
Antes	Depois
Criação	Destruição
Re-nascimento	Morte
Enchente	Fogo
Dia	Noite
etc.	etc.

nos diz muito pouco sobre a dinâmica do Cosmos Maku, mesmo apesar de haver algum grau de sentido tanto nas seqüências horizontal como vertical.

Em segundo lugar, não existe base necessária e suficiente para tratar *tsa'litna* e *kama'litna* como uma oposição que pode ser pola-

---

52 Reichel — Dolmatoff descreve a interação das energias bio-cósmicas entre os Desano — *tulari* e *boga* — como uma expressão.

rizada ao longo de um eixo paralelo a outros eixos, ou contínuos, que estão mais abaixo dela neste esquema.

Além disso há certas cadeias ou conjuntos de oposições que são muito proeminentes na cultura Maku tais como:

rápido — forte — duro — estável — Direito

opostos a

lento — fraco — mole — instável — Esquerdo

que não poderiam ser incorporados no esquema acima em qualquer base substantiva ou produtiva.

Em terceiro lugar, além de dar somente um modelo estático e sem vida da Cosmologia Maku, o esquema acima deixa de dar uma idéia da importância ou da significação das gradações que existem entre estes extremos ou polos.

Nas páginas seguintes que concluem este trabalho, eu estenderei estas críticas a um esquema dualista; num certo sentido também examinarei os níveis de análise que precedem uma redução dualista última, porque acredito que eles revelam a integração dinâmica deste modelo da Cosmologia Maku.

De que modo, então, estes conjuntos separados de oposições se relacionam um com o outro?

Há uma fórmula raiz de todos os feitiços xamânicos, cuja significação subjaz a várias dimensões da experiêcna cosmológica Maku e que pode ou não ser conscientemente percebida como uma abstração por qualquer Maku.

É um feitiço refrescante usado como refrão essencial em todos os rituais curativos. O feitiço reconhece um estado de relacionamento entre as energias vitais *kama'litna* e *tsa'litna* e procura transformá-lo num relacionamento diferente.

Eu não afirmo que esta fórmula seja única ou super-ordenada em determinar toda a experiência cosmológica, nem que ela integre todos os eixos do contínuo de discriminações que constroem a significação da cultura Maku. Prefiro elucidar a interrelação entre estas duas energias na conclusão deste trabalho, por que, assim procedendo, podemos alcançar uma compreensão da dinâmica da cosmologia Maku. Desde que ela deve conduzir a mais questões trata-se de uma conclusão só no sentido formal.

A Fórmula

Feitiço geral resfriador invocando o *kama'litna* do Rio Leite para que se preste a quebrar, enfraquecer e lavar o *tsa'litna*. Eis o refrão especial para curar feitiços.

kan-di hu-mak a hu-mak wai ti
o que leite leite empresta
kama'litna hu-mak wai ti
kama'litna leite empresta
tsa'litna naw' wit-kan-ni
tsa'litna diz ninguém diz
kan tsa'litna-di tsuk duk wai weh henna-bu
que tsa'litna lava quebra enfraquece

O refrão dado aqui é tirado do contexto de um feitiço que pode ser administrado numa série de diferentes maneiras a um paciente que é vítima de um feiticeiro malévolo.

De um modo a compreender a interação de energias envolvidas neste feitiço, passarei a examinar os ciclos de *tsa'litna* e *kama'litna*.

A primeira distinção [53] na classificação do mundo animal repousa sobre princípios de dieta. Os Monstros (*yehep-wa*) se alimentam de carne crua e sangue de Caça (*aka*) e de Homens (*kak-wa*).

Os animais de Caça se alimentam largamente de plantas da floresta e frutas (*ma-ke*). Os Homens eliminam o sangue, cozinhando a carne da Caça que matam; os Homens também dependem das árvores frutíferas para seu alimento e proteção.

Diferentes comidas variam nas propriedades que contêm segundo sua natureza e seu estado de elaboração. *Tsa'litna* está presente no sangue e na gordura da carne crua, e nos corpos vivos de Homens e de Caça; só pode ser reduzida a um grau maior ou menor através do cozimento. O grau de *tsa'litna* presente num ser particular num determinado momento depende do seu estado desenvolvimental e sua dieta. Assim, animais de caça que são ocasionalmente onívoros — como os porcos — contêm mais *tsa'litna* do que a Caça que é puramente herbívora — como os pássaros inhambu. Da mesma maneira, o grau de *tsa'litna* num ser humano é uma função da dieta e de ações rituais, assim como é determinada por uma certa fase do desenvolvimento biológico.

Mulheres menstruadas, mulheres doentes, crianças recém-nascidas e seus pais todos observam regras especiais de dieta e ações rituais que limitam a possibilidade de maior exposição às fontes de *tsa'litna*, enquanto aumentam a influência da *kama'litna* aproximando-se de comidas doces e *elu*, a propriedade nutritiva protetora dos frutos da floresta.

---

[53] Outros princípios subordinados de classificação diferenciam os animais de acordo com seus domínios — céu, árvores, terra, água — ou de acordo com o fato de pilhar de dia ou de noite.

Um ser humano se torna excessivamente carregado de *tsa'litna* seja por comer coisas que a contêm, ou pelo contato com sangue, sol, chifres sagrados e ornamentos rituais, ou ainda sofrendo ataque espiritual de seres malévolos.

Tsa'litna é tanto uma propriedade como um alimento dos Monstros; vimos que eles são atraídos pelos seres humanos que são, por alguma razão, excessivamente carregados dela.

Do ponto de vista dos Monstros, *tsa'litna* poderia ter poderes nutritivos semelhantes aos do *kama'litna* do ponto de vista dos Homens.

É esta relatividade que está conscientemente indicada no episódio em que Idn Kamni toma uma forma decrépita, apodrecido em feridas, de modo a parecer atraente aos Urubus do ponto de vista deles (M6).

Do ponto de vista dos Homens, uma preocupação fundamental é limitar e controlar a exposição imprevisível e incontrolável à *tsa'litna*. Quer ela mate secando e amaciando o corpo, ou fazendo com que o corpo apodreça e inche com liquefação, a *tsa'litna* em excesso é perigosa. A contra-ativa *kama'litna* não afeta o Homem da mesma maneira imprevisível e inevitável que a *tsa'litna*. O Homem tem um papel ativo no procurar a influência *kama'litna* através da aplicação de *elu*, restringindo a dieta a comidas doces e através de fórmulas mágicas que invocam a *kama'litna* do Rio Leite.

Conseqüentemente, enquanto a *tsa'litna* e a *kama'litna* parecem ser formas de energia que são opostas num espelho nas suas derivações dos conceitos de calor e frio, do ponto de vista da experiência humana elas diferem por *kama'litna* poder deliberadamente ser manipulada de modo a contrabalançar os perigos da *tsa'litna* que são imprevisíveis e inevitáveis. Os Maku excluíram a possibilidade de que os Homens jamais fiquem doentes por exposição demorada à *kama' litna*, assim como a de que os Monstros sofram de excesso de *tsa'litna*.

Se essa interação de energias for seguida desde os seus referentes cosmológicos imediatos, a *tsa'litna* emana do Sol e da Lua e a *kama'litna* vem da Terra e da Água.

O Sol se manifesta pela luz solar e pelo calor, pelos cornos sagrados que são a Saliva e os Filhos do Sol e pelas maldições dos Maku que lamberam o sangue do Sol. Todas estas manifestações estão altamente carregadas de *tsa'litna*.

Em contraste, *kama'litna* na forma de *elu* vem dos frutos da floresta que são alimentados pela Terra e pela Água. Os frutos da floresta são mais abundantes no auge da estação chuvosa — nesta época eles amadurecem, caem e se não forem comidos, descem à terra para tornar-se novas plantas.

A regeneração e liberação dos Animais de Caça se relaciona diretamente com a influência da Lua e da Água.

A Lua incorpora alguns dos princípios da *tsa'litna*. É a Lua galanteadora que copula com as moças nos seus sonhos e lhes provoca a primeira menstruação. Na Criação, a Lua morreu e seu corpo virou Animais de Caça tão carregados de *tsa'litna* que os que os tentaram comer, morreram ou foram transformados em Monstros. Hoje, quando a Lua é minguante, pode-se aumentar os animais chamando-os.

A Água, em forma de chuva, também determina o crescimento da Caça. O Dono da Caça libera sua Casa das Casas nos períodos de chuvas pesadas e água alta, quando abundam os frutos da floresta para eles comerem na terra.

Assim, o Sol e a Lua juntos formam uma fonte cósmica de *tsa'litna* assim como a Água e a Terra são uma fonte cósmica de *kama'litna*.

Agora neste ponto, devemos retomar as críticas anteriores do esquema cosmológico (ver pág. 278) que foi deixado de lado por inadequado. Neste esquema, as energias *tsa'litna* e *kama'litna* estavam localizadas nos lugares correspondentes aos polos Abaixo — Depois e Acima-Antes, na base da clara oposição dos alimentos dos seus respectivos habitantes. As Sombras do Abaixo só comem carne crua e sangue (*tsa'litna*) enquanto acima, na vida depois da morte de Idn Kamni, as almas renascidas vivem exclusivamente de coisas doces (*kama'litna*).

Se tivermos de relacionar o Sol e a Lua com *tsa'litna* e a Terra e a Água com *kama'litna,* devemos então considerar como o Sol, a Lua, a Terra e a Água se relacionam com os eixos espaciais do Alto e do Abaixo. Nosso bias etnocêntrico poderia sugerir que o Sol e a Lua estivessem inevitavelmente relacionados com o Alto e a Água com o Abaixo, mesmo apesar de nós, como os Maku, concebermos as rotas do Sol e da Lua como girando em órbita abaixo de nós e a Chuva caindo do céu.

A resposta é simples. O Sol, a Lua, a Terra e a Água são todos essencialmente parte desta terra e deste presente espacial e temporal. Isto é coerente com o fato de que, diferentemente dos fenômenos do Alto e do Abaixo, eles são regularmente visíveis. Em termos temporais, suas flutuações expressam o presente imediato do Dia, noite, meses e estações e não os extremos remotos do Começo e do Fim do Mundo.

Todavia, isto não deveria levar à suposição de que o esquema sugerido fosse antes esclarecedor ao colocar estas duas formas de

energia em relação com os eixos espacial e temporal. As duas críticas relevantes aqui eram primeiro que a representação se mostrou incapaz de descrever a dinâmica e segundo que ela não permitiu a apreciação de todas as gradações entre os polos, gradação esta que constitui a realidade cotidiana dos Maku.

A questão das gradações é importante, porque do princípio desta discussão do cosmos Maku nós vimos que os polos extremos destes eixos ou contínuos ficam fora deste presente espacial e temporal. Os Homens, a Caça, os Monstros e as Plantas, todos existem neste mundo no meio e não se pode dizer que nenhum deles reúna uma só das energias polares.

Monstros como as onças vivem de *tsa'litna* mas comem Caça que se alimenta principalmente de plantas (os intestinos e seu conteúdo são comidos primeiro, segundo os Maku), assim como as plantas que são alimentadas pela Terra e a Água e recebem a sombra das nuvens, não poderiam florescer sem um certo grau de luz solar. Tanto na Criação original como no comportamento cotidiano, Animais de Caça e Homens comem de maneira apropriada combinações proporcionais de alimentos que contêm ambas as formas de energia. O que distingue esses seres um do outro é a propriedade ou equilíbrio de *tsa'litna* e *kama'litna* que eles são obrigados a manter. Eis porque eu enfatizei que o esquema sugerido anteriormente é inadequado; ele enfatiza somente polaridades e ignora a significação do que se encontra entre elas.

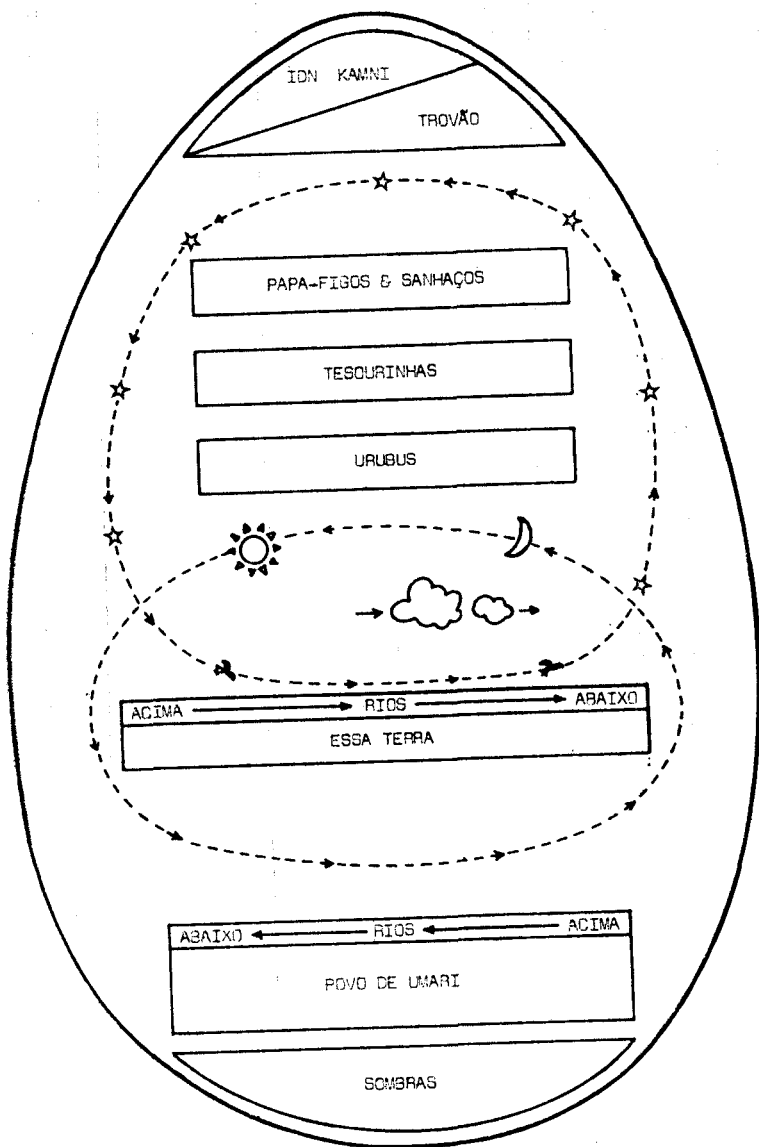
Isto nos leva a uma outra crítica, a de que o esquema dicotomizante não reflete relacionamentos dinâmicos. Foi explicado com detalhes na parte "Vida e Morte das Plantas, Monstros, Caça e Gente" que o equilíbrio da energia em qualquer época depende do seu estado desenvolvimental e da dieta e que para os humanos, é também uma função do seu comportamento ritual.

Fica também claro que os Maku concebem que todos os seres deste mundo se movendo através de ciclos de vida e morte que tem correlatos muito definidos com os extremos dos eixos de Energia, Tempo e Espaço.

Os seres que habitam nos extremos do Tempo e do Espaço sustentam-se exclusivamente de uma forma de energia. Nem os comedores de *kama'litna,* as almas recém Renascidas do Alto nem os consumidores de *tsa'litna,* as Sombras do Abaixo estão sujeitos aos ciclos de morte e renascimento. Mas as Plantas, Monstros, Animais de Caça e os Homens do mundo do meio estão sujeitos a uma ou a ambas transformações de morte e renascimento.

Contrastando os ciclos regenerativos de cada um destes seres com o equilíbrio das energias da sua sustenetação, podemos formular a observação de que os seres como os Monstros que dependem de uma predominância da energia *tsa'litna* devem morrer sem renascer, enquanto as Plantas, que são a fonte de *kama'litna,* continuam a reproduzir-se sem jamais morrer ou desaparecer. Os Animais de Caça e os Homens que ingerem ambas as formas de energia estão destinados a passar pela morte e pelo renascimento. Os Animais de Caça não tem almas e não podem controlar a influência da *tsa'litna* sobre eles. Apesar de sua alimentação ser largamente *kama'litna,* os Animais de Caça renascem continuamente em forma corporal na terra. Os humanos procuram controlar sua ingestão de *tsa'litna* restringindo sua dieta e seu comportamento ritual e através de manipulações deliberadas de fontes de *kama'litna* protetora. Quando os corpos carnais dos Homens são eventualmente dominados pela *tsa'litna* na forma de idade ou doença, seus espíritos renascem no Alto e eles não voltam para esta terra.

Tendo em mente a proposição de Lévi-Strauss de que os mitos exploram as posições extremas e insustentáveis que são de certa maneira evitadas ou proibidas na realidade, é possível ver que para os Maku os extremos de *tsa'litna* e *kama'litna* devem ser evitados e um equilíbrio dinâmico entre os dois constantemente mantidos na dieta e no comportamento ritual. A estória de Idn Kamni é também uma exploração de extremos e confusões — gente é devorada, animais e plantas categorizados como comida são copulados — e ela termina com o fracasso de Idn Kamni ao encontrar uma esposa e procriar seu clã. Mas, chegando a este fracasso, Idn Kamni abre caminho para a era atual das Pessoas para quem sua exploração constitui um exemplo perfeito — como um conto moral — do que não se deve fazer.

Nos mitos do Dia Sem Fim e da Noite Sem Fim, da Grande Seca e da Grande Enchente, extremos são explorados e achados impossíveis; a solução envolve o estabelecimento de um meio termo. Este meio termo permanece algures entre só extremos e representa a norma do comportamento cotidiano da vida real. Em termos cosmológicos este meio termo é este mundo visível no qual vivem os humanos, localizados no presente espacial e temporal entre o Alto-Acima e o Abaixo-Depois. É em volta deste meio termo que os ciclos naturais, o curso dos rios as órbitas estrelares, lunar e solar — giram; é aqui que os ciclo de vida dos diferetes seres do Cosmos estão integrados na interação das energias *kama'litna* e *tsa'litna.*

IDN KAMNI
TROVÃO
PAPA-FIGOS & SANHAÇOS
TESOURINHAS
URUBUS
ACIMA
RIOS
ABAIXO
ESSA TERRA
ABAIXO
RIOS
ACIMA
POVO DE UMARI
SOMBRAS

QUADRO X — OCASIÕES DE CONTROLE ESPECIAL DA DIETA E DO COMPORTAMENTO

Ocasião	*Comer*	*Evitar Comer*	*Outros rituais ou Proibições*	*Objetivos*
Criança, recém-nascido	Leite	Todo o resto	Pintura vermelha no corpo	Excesso de *tsa'litna* Afastar os Monstros
Pais do recém-nascido	Formigas Bebidas Frias	Todos os tipos de carne peixe pimenta bebidas quentes	Evitar o rio luz solar a caça a pesca o trabalho na roça Usar pintura vermelha no rosto Queimar pimenta e resina	Excesso de *tsa'litna* Afastar os Monstros
Mulheres menstruadas	Formigas Bebidas Frias pão velho	Todos os tipos de carne peixe bebidas quentes	Evitar preparar comida pessoas doente xamãs	"passar a amargura" excesso de sangue/ *tsa'litna*
Rapazes	Mandioca Pimenta Bebidas e comidas frias	Carne carregada de *tsa'litna*	Vigília Banhar-se em água fria Evitar calor da fogueira Evitar mulheres	Crescer depressa e ficar forte (*wep haa na*)

QUADRO X — OCASIÕES DE CONTROLE ESPECIAL DA DIETA E DO COMPORTAMENTO

Ocasião	*Comer*	*Evitar Comer*	*Outros rituais ou Proibições*	*Objetivos*
Pessoa doente	Comidas doces Bebidas frias Carne sadia	Carne carregada e peixe	Evitar mulheres menstruadas Feitiços e rituais de cura	Restabelecimento Recuperação do equilíbrio Renovação do *elu*
Criança recebe nome e *elu*	Bebida fria	—	Cântico *elu*	Crescimento rápido e força Proteção da doença
Morrendo e que entrando na vida após a morte de Idn Kamni	Bebida doce Comidas doces cultivadas	Carne Peixe	Não caçar pescar Apenas trabalhar na roça	Volta à fonte
Pessoas de Luto	?	?	Mudar-se para outro lugar, soprar feitiços protetores Destruir sua roça Chorar	Evitar futuras vítimas
Xamã aprende a curar	Bebidas frias	Carne Peixe Bebidas quentes	Evitar o calor, mulheres menstruadas Usar pintura vermelha Usar o rapé *tsu-nem*, etc.	Afastar os Monstros reforçar e liberar o espírito
Caçador que prepara veneno	Carne Peixe	Todas as comidas doces		Dar força ao veneno